

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Guilherme Soares

**MARIANA EM QUE VIVI: PERSPECTIVAS DA CIDADE PELO OLHAR
DE HEBE ROLA**

Mariana/MG

2019

Guilherme Soares

**MARIANA EM QUE VIVI: PERSPECTIVAS DA CIDADE PELO OLHAR
DE HEBE ROLA**

Trabalho de conclusão da disciplina TCC 2
apresentado ao Instituto de Ciências Humanas e
Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro
Preto (UFOP) como disciplina eletiva no segundo
semestre letivo de 2019 .

Orientadora: Profª Drª Rosana Areal de Carvalho

Mariana/ MG

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**FOLHA DE APROVAÇÃO****Nome do autor**

GUILHERME SOARES

Título do trabalho

MARIANA EM QUE VIVI: PERSPECTIVAS DA CIDADE PELO OLHAR
DE HEBE ROLA

Membros da banca

PROFA. DRA. FERNANDA APARECIDA OLIVEIRA RODRIGUES SILVA (UFOP)
PROF. DR. ALVARO ANTUNES ARAUJO

Versão final

Aprovado em 10 de DEZEMBRO de 2019
De acordo

Professor (a) Orientador (a)

PROFA. DRA. ROSANA AREAL DE CARVALHO (UFOP)



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Areal de Carvalho, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2019, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0029565** e o código CRC **4348B2DE**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204113/2019-98

SEI nº 0029565

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Dedico este trabalho, especialmente, à Dona Hebe Rola, inspiração para todos nós.

Agradeço a minha família, por me incentivar e me apoiar neste estudo, sobretudo ao meu irmão, com quem tive a oportunidade de debater criticamente sobre o tempo histórico.

À Profª Drª Rosana, por ter acolhido este tema com maior prazer e à Profª Drª Fernanda, incentivadora deste trabalho, desde o início.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os processos de mudança no cenário urbano na cidade de Mariana-MG a partir de uma entrevista realizada com Dona Hebe Rola como trabalho de conclusão da disciplina de Educação Patrimonial da Universidade Federal de Ouro Preto. A partir do processo mnemônico proposto por Maurice Halbwachs, compreendemos a narrativa da entrevistada enquanto constituinte de uma memória coletiva acerca de três pontos da cidade, compreendidos como estrutura de longa duração - a partir da proposta de Fernand Braudel - que são consideradas por nós enquanto estruturas de estratificação temporal, como proposto por Reinhart Koselleck.

Palavras-chave: Memória, Patrimônio, Sujeitos de Memória, Memória Coletiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama de temporalidades.....	17
Figura 2: Praça da Independência com o gradil em seu entorno. Sem data....	20
Figura 3: Jardim Municipal: Com luz elétrica. 1937.....	21
Figura 4: Praça Dr. Gomes Freire. 1940.....	22
Figura 5: Pelourinho do Largo da Matriz. 1711.....	24
Figura 6: Praça da Sé. 1910.....	25
Figura 7: Casinha de força e luz da Praça da Sé. 1939.....	26
Figura 8: Praça da Sé. Meados do século XX.....	27
Figura 9: Praça da Sé com estacionamento. Década de 1980.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A HISTÓRIA CORPORIFICADA: DONA HEBE ROLA	10
3 MEMÓRIA E LUGARES DE MEMÓRIA	12
3.1 A memória enquanto fenômeno psíquico	12
3.2 A memória enquanto fenômeno social	13
4 TEMPO HISTÓRICO E ESTRATOS TEMPORAIS	16
4.1 Regimes de Historicidade e longa duração	16
5 PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL	19
5.1 Praça Gomes Freire	19
5.2 Praça da Sé (Praça Cláudio Manoel)	24
5.3 Colégio Providência	30
6 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO 01 - ENTREVISTA	39
ANEXO 02 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77

1 INTRODUÇÃO

Este estudo caracteriza-se enquanto um trabalho de resgate de memória no estágio da velhice. O que buscamos analisar é a narrativa de uma senhora marianense frente às mudanças físicas da cidade de Mariana-MG durante o século XX, compreendida numa narrativa que confere re-existência no processo psíquico de lembrar, fundamentado no pressuposto que a função social do velho é lembrar – ainda que em nossa sociedade capitalista a velhice é institucionalmente oprimida – como apontado por Ecléa Bosi em sua tese de livre-docência na Universidade de São Paulo. Devemos salientar que o trabalho de Ecléa Bosi já completou 40 anos e que, com o envelhecimento da população mundial, novas leis e novas formas de mercado foram se desenvolvendo para garantir melhorias a esta parcela da população. No entanto, apesar das políticas de melhoria da qualidade de vida dos idosos, ainda percebe-se, em menor grau, uma opressão sistêmica da velhice através de organizações sociais que consideram o idoso como um indivíduo inválido.

A partir da análise de fotos de domínio público, de documentos históricos da cidade de Mariana e a partir do relato concedido em entrevista por dona Hebe Maria Rola Santos (ANEXO 01), que encontra-se transcrito em um portfólio apresentado como conclusão de curso na disciplina de Educação Patrimonial, ministrada pela Prof^a Dr^a Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva e de autoria de Guilherme Soares, Maria Luisa Patrocínio, Verônica Garcia Simões e Lucas Patrício, buscamos traçar uma breve cronologia das mudanças na paisagem urbana de Mariana e compreender a cidade para além do aglomerado físico, mas como um organismo social e ambivalente, em que as mudanças no cenário urbano promovem alterações no imaginário social, ao passo que a mudança no *ethos* social também provoca mudanças no cenário físico.

Através da confrontação entre o relato de Dona Hebe e os documentos que evidenciam as alterações no cenário urbano da cidade, não buscamos desvalorizar em momento algum a história oral enquanto método, mas sim tentaremos apreender que a memória e todo o exercício mnêmico, enquanto operações psicológicas, está sujeito a tangenciamentos devido a diversos fatores, entre eles, a idade elevada e a

opressão sistêmica e institucional da velhice na sociedade capitalista são de extrema importância. Para tanto, traremos à luz a história oral – a partir da entrevista de Dona Hebe – e a história oficial e escrita – através da análise de documentos e mapas que mostram as mudanças na cidade, durante o século XX, salientando as especificidades e metodologias de cada uma.

Como analisamos apenas uma entrevista, este trabalho não se caracteriza enquanto um trabalho de amostragem e não apresenta um único objeto. O que pretende-se analisar aqui é a experiência como parte da vida humana em sociedade e os reflexos do tempo no *locus* da cidade. O tempo analisado é o passado-presente, categoria explorada por Reinhart Koselleck, e que nos cabe perfeitamente nesse estudo. O passado encontrado na entrevista de Dona Hebe é um passado recente, portanto, um passado que ainda não passou efetivamente. Já o passado presente nos documentos históricos analisados evidenciam a ação do tempo no cenário urbano do centro histórico da cidade de Mariana, porém esse passado ainda se encontra presente nas ruas e construções setecentistas, que são preservadas devido aos aparatos legais de preservação do patrimônio do país.

A escolha da personagem entrevistada se deu pelo fato de Dona Hebe ser uma pessoa com uma idade bastante avançada e que viveu toda a sua vida no centro histórico de Mariana e pôde compartilhar conosco um pouco da dinâmica social da cidade nas décadas passadas e, por ser de uma família tradicional e com vivência em diversos círculos sociais, a narrativa compreende com perfeição o *ethos* marianense. As marcas da idade também estão presentes na entrevista e optamos por deixá-las, transcrevendo o relato com as marcas de oralidade e esquecimentos da entrevistada, a fim de conferir e manter o sentimento proporcionado ao grupo de entrevistadores.

Devemos destacar, ainda nesta introdução, o caráter afetivo da qual esta entrevista foi gravada. Na sala da casa da entrevistada, que aceitou conceder a entrevista de pronto, sentamo-nos em seu sofá e começamos a fazer nossas perguntas. Em meio a entrevista, fomos surpreendidos com um delicioso bolo de fubá e café, servidos por Dona Hebe e perdemos completamente a dimensão do tempo. O que era para ser uma simples entrevista para um trabalho de conclusão de disciplina, nos rendeu um primoroso e vasto relato de vida. Segundo Bosi, tendo por

premissa que a função social do historiador é lutar pelos velhos e por suas memórias, dando voz a quem não tem, compreendemos o que Walter Benjamin salienta: memória é a faculdade épica *par excellence*.¹

Este trabalho justifica-se ao apresentar uma forma de preservação de narrativa oral ao passo que se caracteriza enquanto um trabalho de *memória*. É de fundamental importância este trabalho no ponto que busca valorizar a interdisciplinaridade entre a Educação e a História, mesclando conceitos próprios a cada campo de conhecimento a fim de resultar em uma produção que visa dar importância a narrativa oral e propõe uma nova perspectiva de análise das mudanças de pontos importantes (Praça Gomes Freire, Praça da Sé e Colégio Providência) da cidade a partir da subjetividade do discurso de uma mulher marianense. Optamos por escolher duas praças e uma escola para contrastarmos as mudanças no cenário físico do centro histórico - na Praça da Sé e na Praça Gomes Freire - e também as mudanças no cenário social do interior da escola da qual Dona Hebe estudou. Pessoalmente, optamos por estas duas referidas praças por se tratarem de locais comuns à maioria dos estudantes da UFOP, na qual todos temos alguma recordação.

Devemos destacar a relevância da história oral, enquanto método, dentro da disciplina História e a importância da preservação de uma entrevista que contém a experiência de pessoas de idade para o campo historiográfico. A tecnologia torna-se aliada na gravação de áudios, uma vez que a possibilidade de armazenar um relato em sua originalidade é de extrema importância no que tange à subjetividade presente em um fato histórico. A partir disso, é de caráter geral analisar os processos históricos de mudança na paisagem urbana de Mariana, e, especificamente, objetiva-se, abordar alguns conceitos como *memória social*, *patrimônio* e *lugar de memória* a partir deste material, relacionando-os com quadros de memória de velhos proposto por Ecléa Bosi. A utilização de tais conceitos é fundamental no processo de compreensão de como a cidade pode ser encarada como patrimônio cultural, material e imaterial, histórico e social, e como o *ethos* local se modifica com a modernização da cidade, no decorrer dos séculos XX e XXI.

¹ BOSI, 2007, p. 14.

2 A HISTÓRIA CORPORIFICADA: DONA HEBE ROLA

Tratamos com maior respeito e admiração a trajetória da entrevistada: Hebe Maria Rola Santos, na qual ela se autointitula, em tom alegre, como um patrimônio tombado da cidade de Mariana. Nascida em 23 de junho de 1931, na rua Dom Silvério, nº86, Dona Hebe iniciou seus estudos no Grupo Escolar Dom Benevides e concluiu o atualmente chamado de ensino fundamental II e ensino médio no Colégio Providência. Seu interesse pela educação a acompanha desde a adolescência, quando ajudava sua tia na educação de jovens e adultos na zona rural de Mariana, mais especificamente na escola do distrito de Bandeirantes. Este mesmo interesse a levou de volta ao Colégio Providência para o curso de formação de professoras e no ano de 1951, foi nomeada, após um concurso público, para atuar como professora na 4ª série da escola do distrito de Bandeirantes, na qual Dona Hebe se orgulha em revelar que fora a primeira professora de 4ª série da escola.

Na década de 1960, Dona Hebe trabalhou na Inspeção de Ensino de Ouro Preto - atualmente chamada de Superintendência Regional de Ensino - como supervisora, quando visitava todas as escolas de Ouro Preto e Mariana levando as demandas da Inspeção. No ano de 1966, passou em um concurso para assumir cargo como diretora de unidade escolar, que efetivou-se em 1972, na Escola Estadual Coronel Benjamin Guimarães. Neste mesmo ano, formou-se na graduação em Letras (habilitação Português - Francês) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), com sede ainda na cidade de Mariana, no prédio onde atualmente funciona o Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Especializou-se em leitura e produção de textos pela PUC-MG, no campus sediado em Belo Horizonte.

Em sua trajetória profissional, destaca-se sua imensa contribuição para a comunidade do distrito de Passagem de Mariana. Enquanto diretora da E.E. Cel. Benjamin Guimarães, levantou fundos para melhorias na estrutura da escola, bem como idealizou e instaurou o que chamamos hoje de “tempo integral”. Em um notável movimento, Dona Hebe levantou lideranças do distrito e conseguiu

implementar atividades para os alunos ligadas à agricultura, esporte, música e cultura, em que os alunos tinham aulas regulares e também contavam com estas atividades no contraturno. Em meio à ditadura civil-militar, Dona Hebe quebrava os paradigmas tecnicistas da educação básica brasileira e inovava com o que ela mesma denomina como “mini-república” em compromisso com a democracia: toda a escola funcionava como uma República; a diretoria e um grupo de conselheiros compunham a presidência e os principais ministérios e as secretarias eram delegadas aos alunos, que levavam, em aberto diálogo, as demandas à direção da escola.

No ano de 1979, com a incorporação administrativa da Faculdade de Filosofia de Mariana à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a posterior renomeação do espaço como ICHS, houve uma seleção interna para professores para a efetivação dos cursos de Letras e História. É neste momento que Dona Hebe passa a integrar o corpo docente da Universidade, lecionando no curso de Letras, com as matérias de Língua Portuguesa, Língua Francesa e Práticas de Ensino, em regime de 12 horas semanais, pois continuava na direção da escola de Passagem de Mariana. Seu vínculo empregatício com a UFOP findou no ano de 2001, quando obteve sua aposentadoria. No entanto Dona Hebe atua como professora emérita -- título recebido em 12 de abril de 2002 - na coordenação de um projeto de extensão intitulado “Floresça Mariana: Uma flor em cada janela, um livro em cada mão”, que objetiva levar o patrimônio material e imaterial da cidade para os alunos da educação básica de Mariana, com oficinas de redação e poesia. Como cidadã marianense, está sempre em defesa de seu povo, ensinando e aprendendo, devolvendo os saberes à comunidade local por meio da cultura.

3 MEMÓRIA E LUGARES DE MEMÓRIA

3.1 A memória enquanto fenômeno psíquico

Buscaremos analisar neste capítulo os mecanismos psíquicos do exercício mnêmico e suas implicações para o campo histórico ao abordarmos a experiência do homem no tempo. Compreender como a memória opera é específico do campo da psicologia, constituído enquanto ciência há pouco mais de um século, e, para a análise aqui proposta com esse estudo, nos ateremos às interpretações de Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

Trazer um fato do passado ao presente no campo histórico se dá através da construção de um discurso pautado nas evidências do passado. Para este estudo, compreendido no campo da ciência histórica, nossas evidências são os relatos concedidos em entrevista e os documentos oficiais da cidade, porém, como dito anteriormente, o nosso objeto de estudo é a experiência e a percepção de uma mulher marianense perante o *ethos* e o *locus* do centro histórico no decorrer do século XX e para isso precisamos compreender como uma lembrança, recalcada no inconsciente é acessada e trazida ao plano da consciência.

Henri Bergson, como bem trabalhado por Ecléa Bosi em seu livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, sugere a memória enquanto algo fundamental do espírito humano e que aproxima o corpo físico – e presente – ao passado. Para ele, existem dois tipos de memória: *memória-hábito* e *imagem-lembrança*. A primeira é a nossa memória que orienta as ações cotidianas, ou seja, são as memórias que foram moldadas por um longo processo de “adestramento” cultural. A cultura ocidental convencionou, em algum momento da história, utilizar talheres como artefato indispensável para a alimentação e todos nós aprendemos a utilizá-los e colocamos em prática este aprendizado todos os dias, ou seja, esta é uma memória que se tornou um hábito e, segundo Bergson, faz parte do nosso ser. O outro tipo de memória, chamado de *imagem-lembrança*, mais interessante à essa análise, é de caráter evocativo, não mecânico, ou seja, a lembrança (factual, singular) vêm ao nível da consciência através da passagem do inconsciente para o consciente, como

a sintaxe da palavra *souvenir* (vir de baixo) bem exemplifica. Lembrar é trazer à luz algo que estava no escuro, ou seja, o exercício mnêmico traz à tona algo que estava no plano inconsciente. O passado emerge como uma força subjetiva e mistura-se com as representações atuais.

Bergson aponta que as lembranças, antes de sofrerem as atualizações quando são trazidas ao plano da consciência, vivem uma fase latente na inconsciência. Uma lembrança pode ser trazida à tona – *souvenir* – de diversas maneiras, intencionalmente ou não. Existem lembranças que são acionadas pelos sentidos humanos (audição, olfato, paladar, tato e visão) e que tem relação íntima com a afetividade. As maneiras das quais as lembranças são acionadas operam, segundo Bergson, do mesmo jeito através da passagem do inconsciente para o consciente. Para ele, o princípio central da memória é a conservação do passado, ou seja, o passado sobrevive quando é convocado no momento presente, não se constituindo enquanto fenômeno social.

3.2 A memória enquanto fenômeno social

Ao contrário da compreensão de Bergson acerca da memória, acolhemos e optamos por focar no que Maurice Halbwachs desenvolve em *La mémoire collective*, ao propor os quadros sociais da memória. Aluno de Bergson, o autor busca analisar de maneira menos filosófica – como explorara seu tutor – e mais sistêmica a memória humana. Herdeiro do pensamento de Durkheim, Halbwachs propõe que o processo de rememoração é fruto da vivência em sociedade, uma vez que as lembranças são evocadas sempre em sociedade.

A compreensão do ser enquanto fruto de seu contexto social alavanca a ideia de que todas as ações da vida humana são condicionadas pela vivência em sociedade e pela carga cultural compartilhada pelos indivíduos que a compõem. Não obstante, Halbwachs sugere que a memória também faz parte deste processo. Para isso, analisa a importância da testemunha (entendida aqui enquanto um conjunto de

memórias coletivas) no cerne da memória. O fato de nos lembrarmos de algo passado só é possível pois o outro também compartilha da mesma lembrança. As nossas primeiras memórias são, geralmente, de familiares, e, segundo o autor, as memórias da infância são ambíguas, carregadas de valores, uma vez que é neste período da vida em que nossa bagagem cultural começa a se expandir e uma série de valores comuns a nosso círculo social começam a nos ser introjetados. Desta maneira, podemos compreender que o processo de rememoração está intimamente ligado ao “eu” e ao “outro”.

Ao questionarmos Dona Hebe sobre seu próprio nome, logo veio à tona toda a explicação de sua família e suas origens:

“Então, meu nome, na realidade, eu tenho um nome que é conhecido por todo mundo, que é Hebe Rôla, que todo mundo chama e que, às vezes no Nordeste é símbolo fálico (Risos), mas eu acho ótimo assim mesmo. Mas na verdade eu venho de uma família síria e uma família portuguesa. Meu avô materno era do Líbano e meus avós paternos eram de Santa Eulália, em Portugal. E eles vieram pro Brasil, então a minha árvore genealógica registra dois povos diferentes, mas que se encontraram aqui no Brasil.” (SOARES et. al. 2018)

A simples pergunta que fizemos à entrevistada acerca de quem ela era já nos rendeu uma demonstração de como a memória coletiva está atrelada à memória individual no processo discursivo. A entrevistada se apresenta e, logo em seguida, nos fornece informações sobre suas origens, fato que comprova uma transmissão de memória de seu grupo familiar à ela.

A memória individual é inseparavelmente emaranhada à memória coletiva, ou seja, ainda que cada indivíduo tenha suas próprias percepções sobre algo, a memória coletiva já está instituída sobre tal. Ao analisarmos um monumento histórico, por exemplo, podemos ter uma interpretação pessoal sobre ele, porém nossa carga cultural e social nos comunica sobre um contexto em que tal monumento está inserido. Ao trazer à tona tal memória, posteriormente, não há uma clara distinção entre o que é memória individual e o que é memória coletiva. Dessa maneira, o que Halbwachs explicita é que as memórias individuais e coletivas se

completam e se afastam, num movimento pendular, em que as congruências entre elas conferem reconstrução e reconhecimento no processo de lembrar:

“É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam”. (HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz, 2006, p.43)

Atentemo-nos ao fato de vivermos em sociedade e nos reconhecemos enquanto membros dela. Nossas memórias estão a todo tempo se apoiando nas memórias dos nossos semelhantes, das pessoas que estavam presentes no momento do fato ou evento a ser lembrado. A busca por conferir sentido nesse processo ocorre de maneira inconsciente e nos leva a uma sucessão de memórias. Bergson aponta que uma lembrança desperta outra e provoca um florescimento de uma cadeia de lembranças que vêm ao plano consciente por meio dessa corrente de rememoração. Halbwachs sugere que a sucessão de lembranças é casual devido ao fato de as memórias estarem delimitadas no espaço e no tempo, ou seja, se nos lembramos de algo, logo lembramos de um fato anterior ou posterior a ele, pois o tempo é delimitado cronologicamente em nossa mente. O que acontece é a ordem natural e material do tempo que se materializa no discurso.

Na entrevista de Dona Hebe, em vários momentos podemos observar a marcação de tempo na sucessão dos fatos rememorados por ela. Essas marcações não são datas específicas, mas seguem uma ordem cronológica delimitada pelos eventos narrados. As divisões e ligações entre uma memória e outra são de um sistema lógico, quase material, que baseia a memória e as percepções.

Partindo do pressuposto de que as memórias são evocadas a partir da relação do “eu” com o “outro”, observamos na entrevista uma demarcação temporal e espacial. Tal fato nos é estimado pois como este estudo se trata de uma análise temporal e espacial do cenário urbano de Mariana, pudemos observar a comprovação da teoria de Halbwachs ao apontar a memória como parte de um corpo coletivo, social.

4 TEMPO HISTÓRICO E ESTRATOS TEMPORAIS

4.1 Regimes de historicidade e longa duração

A compreensão dos regimes de historicidade propostos por Reinhart Koselleck ao propor os Estratos Temporais se torna essencial e muito apropriado para este estudo ao passo que objetivamos estudar a experiência humana em dois tempos históricos distintos: os primórdios da cidade de Mariana e o tempo histórico em constante aceleração do século XX.

Passado, presente e futuro são categorias definidas por Koselleck enquanto estratos temporais. O conceito de estrato, emprestado da geologia, explica muito bem a relação entre os regimes de historicidade compreendidos pelo Ocidente a partir do advento da modernidade e das análises de Fernand Braudel sobre as durações temporais e estruturais no curso da História. Devemos compreender os tempos históricos – passado, presente e futuro – enquanto estratos que não se opõem, mas camadas que se sustentam, coexistem. Da mesma maneira em que os estratos geológicos se sedimentam, sucessivamente com a passagem do tempo, um sobre o outro, o tempo histórico também pode ser entendido enquanto camadas que estão em contato e preservam vestígios em si:

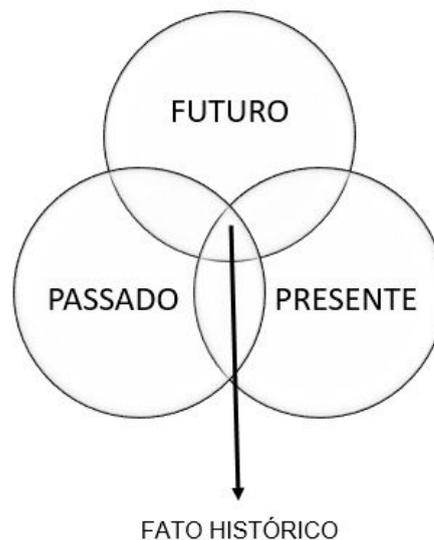
“Situo-me no campo das metáforas: a expressão “estratos do tempo” remete a formações geológicas que remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas no decurso da chamada história geológica. É uma metáfora que só pôde ser usada a partir do século XVIII, depois que a antiga ciência natural, a *historia naturalis*, foi temporalizada e, com isso, historicizada. Sua transposição para a história humana, política ou social, permite separar analiticamente os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados.” (KOSELLECK, 2014, p. 19)

O trecho acima nos dá suporte básico para entender que as três camadas temporais estão em contato, se misturando, muitas vezes, em um mesmo fato

histórico. A utilização de tal conceito nos cabe ao analisarmos a cidade de Mariana a partir do discurso de uma mulher viva no momento da produção deste estudo. Devemos nos ater ao fato de que a cidade e os lugares descritos por Dona Hebe, na entrevista, são os mesmos lugares construídos no século XVII e XVIII, ou seja, o passado é presente a todo tempo, não a cabo, mas estruturalmente nas construções do centro histórico, onde podemos caracterizar como estruturas de longa duração.

Os monumentos históricos de Mariana, podem ser entendidos, segundo a proposição de Koselleck, como estruturas que são meta-históricas e que interligam os tempos históricos, ou seja, um mesmo monumento é capaz de ser referenciado no passado, no momento presente e, provavelmente, estará em pé em um futuro delimitado. Podemos elucidar tal análise com um diagrama de Venn básico, de criação nossa:

Figura 1: Diagrama de temporalidades



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O que pretendemos com o diagrama acima é ilustrar que a intersecção constituída enquanto um fato histórico (entendido aqui enquanto um evento, uma construção, um patrimônio) é capaz de conter os três tempos históricos, coabitando o fato histórico com suas permanências e rupturas. Para entender a coexistência entre passado, presente e futuro em um evento ou estrutura histórica, podemos

observar o conjunto urbanístico da cidade de Mariana, em que as praças, por exemplo, foram, geralmente, construídas no século XVIII e mantêm, no presente, as mesmas condições estruturais do que no século em que foram erigidas. O que mudou, obviamente, foram as condições pelas quais sofreram modernizações, os carros começaram a circundá-las, outros grupos sociais passaram a frequentá-las. Porém o traçado quase que permanece inalterado com o passar dos séculos. Podemos chamar tal fato de estrutura de longa duração, como Fernand Braudel expõe:

“O entendimento útil deveria fazer-se (digo-o e repito-o insistindo) sobre a longa duração, essa estrada essencial da história, não a única mas que coloca por si só todos os grandes problemas das estruturas sociais, presentes e passadas. É a única linguagem que liga a história ao presente, convertendo-a em um todo indissolúvel.”
(BRAUDEL, 1978, p. 8)

A partir da perspectiva de que a longa duração é a única linguagem capaz de ligar o passado ao presente, optamos por trabalhar o *locus* do centro histórico marianense enquanto estruturas de longa duração temporal, ou seja, praças, construções e monumentos serão compreendidas como tais para que possamos analisar, cronologicamente, as permanências no patrimônio. Como bem aponta Braudel, o passado e o presente estão em uma ligação indissolúvel no curso da história, logo, podemos relacionar os três tempos históricos em um mesmo evento, coexistindo cada um em si, mas também em outro. Atrevemo-nos a associar o passado ao presente, o passado ao futuro, o presente ao futuro e o futuro ao passado em um movimento de ambivalência, confirmando a teoria de Reinhart Koselleck ao propor que os estratos temporais se sustentam e que um fato histórico perpassa os três tempos históricos, é claro, com suas singularidades.

5 PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

Neste capítulo, nos ateremos especificamente à análise da entrevista de Dona Hebe Maria Rola Santos a partir da entrevista transcrita e de fontes historiográficas sobre a cidade de Mariana e os pontos do centro histórico escolhidos. Optamos por trabalhar o *locus* marianense enquanto patrimônio histórico-cultural, pois, entendemos que todo patrimônio histórico, seja ele chancelado pelo estado ou não, está inserido no que se entende pelo termo genérico de cultura. Mariana, neste ponto, reconhecida como patrimônio nacional urbanístico em 1938, faz parte da cultura mineira e brasileira:

“Esta questão, portanto, diz respeito diretamente à questão da viabilidade da preservação do patrimônio histórico: um determinado elemento formal da cidade só se torna monumento, e permanece como tal, se estiver relacionado à história, à vida e às aspirações e necessidades da comunidade.” (FONSECA, 1995, p. 19)

Como a etimologia da palavra nos evidencia (*pater* – pai; *monium* - recebido), o patrimônio é aquilo recebido como herança de alguém que já passou, ou seja, entendemos a cidade de Mariana como patrimônio histórico-cultural, pois ela é a herança de nossos antepassados.

5.1 Praça Gomes Freire

Diversas nomenclaturas foram utilizadas para designar o espaço conhecido, oficialmente, hoje, como Praça Gomes Freire. Sem referências de data específica de construção e a origem do traçado, os documentos históricos apontam para o nome Largo das Cavalhadas como nome inicial e que em seus primórdios, a praça era um campo simples e gramado em que se realizavam cerimônias de cunho profano, alguns espetáculos e cerimônias da cultura popular, como as cavalhadas.

No ano de 1745, com a instituição do bispado e elevação da então Vila do Carmo para a condição de cidade, com o nome de Mariana (em homenagem a D. Maria Anna D'Áustria, esposa de Dom João V), o então Largo das Cavalhadas recebe o nome de Praça Dom João V, muitas vezes sendo referenciada como Largo do Chafariz.

Em 1749, a praça Dom João V passa a ser chamada de Largo do Rocio e recebe o primeiro chafariz de repuxo, no entanto relatos de viajantes ainda apontam a praça como Largo/Praça das Cavalhadas. Apesar das denominações oficiais, o nome “Praça das Cavalhadas” permanece no imaginário popular até o fim do século XIX (ALVES; FIGUEIREDO; PAIVA, 2010).

No final do século XIX, a denominação é oficialmente mudada para Praça da Independência, muito provavelmente em decorrência da Proclamação da República. Neste mesmo período o espaço recebe o jardim, em que o plantio das árvores data de 1892 e o gradil é instalado no ano seguinte, como observa-se na imagem abaixo:

Figura 2: Praça da Independência com o gradil em seu entorno. Sem data



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1312350365532076&set=g.259301590897916&type=1&theater&ifg=1>. Acesso em 16 de outubro de 2019.

Dona Hebe afirma se lembrar da época em que a Praça era cercada, pois costumava brincar com seus colegas neste espaço: “O Jardim era todo cercado e a gente brincava lá dentro” (SOARES et al, 2018)

A iluminação à base de carbureto foi instalada, porém, segundo Fonseca, a luz “era frouxa como a luz de candeia” (FONSECA, 1995). A construção do Coreto tem data provável na primeira década de 1900, sendo substituído em 1937 por um novo, presente até a atualidade. Nesta mesma data, a luz elétrica foi instalada no espaço, que passa a receber a denominação de “Jardim Municipal”:

Figura 3: Jardim Municipal: Com luz elétrica. 1937



Imagem cedida por Stela Gomes Chaves ao grupo Mariana do Fundo do Baú

Fonte: encurtador.com.br/ezBV6. Acesso em 16 de outubro de 2019.

A relação que Dona Hebe estabelece com a Praça Gomes Freire é familiar. Como podemos observar na imagem acima, o letreiro “Hotel Central” afixado na parede da construção, é lembrado pela entrevistada quando afirma que seu avô era proprietário de boa parte do local:

“Ele tinha, aqui em Mariana, muitas posses, por exemplo: ele tinha...tem a praça ali. Tem a casa enorme, assim, que é um hotel, com o comércio embaixo, restaurantes, tudo? Então, ali era a casa

do meu avô. Tudo ali era a casa do meu avô e embaixo ele tinha o comércio.” (SOARES et al, 2018)

Com o Decreto Lei 25, de 30/11/1937, o conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Mariana é tombado pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e com o Decreto-Lei 7713, de 06/07/1945, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, a cidade recebe o título de Monumento Nacional, sendo constitutiva na preservação do patrimônio histórico. Neste sentido, algumas mudanças começam a ser percebidas no centro histórico no tocante à preservação das construções e fachadas coloniais.

A governança local altera o nome da praça para Praça Gomes Freire, em homenagem ao médico marianense Gomes Henrique Freire de Andrade (1865 - 1938), nome que permanece até a atualidade. Gomes Freire, como era conhecido, era um republicano radical, opositor da Revolução de 1930 (na qual Vargas sagrou-se vitorioso), e dá nome à Praça por suas contribuições à cidade de Mariana e por ter vivido em alguma casa do entorno do local.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas pela formação de um ambiente fechado devido aos contornos de volumosos ciprestes, conforme verificado na imagem abaixo:

Figura 4: Praça Dr. Gomes Freire. 1940



Fonte: https://www.facebook.com/search/top/?q=Mariana%20do%20Fundo%20do%20Ba%C3%BA%20jardim&epa=SEARCH_BOX. Acesso em 19 de outubro de 2019.

Neste cenário cercado pelos ciprestes, a Praça Gomes Freire torna-se um ambiente pouco frequentado pelas mulheres, uma vez que o imaginário da época insinuava que a Praça não era um ambiente adequado para “moças de boa família” (ALVES; FIGUEIREDO; PAIVA, 2010). Neste ponto, Dona Hebe aponta para a educação que recebera de seu pai, ao aconselhá-la a não frequentar determinados lugares:

“Ele nos ‘punha’ em contato com a realidade, nós é que tínhamos que nos comportar. Por exemplo, ele falava: “*vocês não devem ir a esse lugar, não devem*”... Nós fomos criadas assim, a gente brincava na rua.” (SOARES et al 2018)

Este fato se altera na década de 1960, quando os ciprestes são retirados e o espaço passa por um processo de glamourização, com a revitalização do espaço e serviço de jardinagem:

“Somente a reforma realizada na Praça Gomes Freire (então Praça da Independência) foi mantida, talvez por não existir no logradouro nenhum “*chef d’oeuvre*” da arquitetura religiosa e civil colonial. Assim, a praça pôde conservar a aparência ‘moderna’ que lhe havia, há pouco, sido conferida: uma mistura de jardins belo-horizontinos da Praça da Liberdade - com seu coreto e seus canteiros geométricos, repletos de roseiras, de nítida influência francesa (como fôra o jardim do Palácio dos Bispos).” (FONSECA, 1995, p.159)

Atualmente, a Praça Gomes Freire ainda conta com os traçados desta última reforma, porém algumas manutenções e melhorias foram realizadas, como a reforma do calçamento e pinturas no coreto, bem como manutenções no chafariz e poda de árvores. Deve se destacar que a praça, conhecida como Jardim, é um lugar bastante frequentado por diversos segmentos da população marianense e permanece sendo a única praça arborizada, ao contrário da Praça da Sé, que atualmente não conta com arborização. (FONSECA, 1995)

5.2 Praça da Sé (Praça Cláudio Manoel)

Os primórdios da atual Praça Cláudio Manoel, popularmente conhecida como Praça da Sé, remontam os primórdios do Arraial do Ribeirão Carmo, com uma primeira igreja erguida de forma simples em 1704, consagrada à Nossa Senhora do Carmo. Cláudia Damasceno Fonseca (1995) aponta para os traçados da Praça como bastante irregulares devido às primeiras ruas da cidade serem também irregulares.

Em 1711 iniciam-se as obras de construção da igreja atual, com a elevação do Arraial à condição de Vila, e a igreja recebe o título de Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Com a elevação à Vila do Carmo, o então Largo da Matriz adquire a forma quadrangular e recebe o Pelourinho, conferindo ao espaço o símbolo mor de poder régio e religioso:

Figura 5: Pelourinho do Largo da Matriz. 1711



O Bairro da Bandeira da Vila do Carmo, em 1711. — Largo do Pelourinho (Bairro antigo de Nossa Senhora)

Fonte: FONSECA, 1995, p. 71 apud VASCONCELLOS, 1937.

No ano seguinte, 1712, depois da elevação à Vila;

“...é determinado a Coroa que a Câmara concorresse com o necessário para a construção da Matriz, foi a capela da Conceição escolhida para esse fim, por se achar em um sítio mais apropriado, com maior largueza, melhor servindo, portanto à população nascente.” (FONSECA, 1995 apud VASCONCELLOS, 1938)

No ano de 1745, com a criação do Bispado de Mariana pela bula papal *Candor lucis æternæ*, a Matriz foi elevada à Catedral, consagrada à Nossa Senhora da Assunção, nome que carrega até a atualidade.

Dentre as modificações que se sucederam na Praça da Sé, nos chama a atenção para a composição urbana do local no século XX. Sob salvaguarda do IPHAN, foram retiradas as árvores plantadas defronte à Sé - assim como as da Praça Tiradentes em Ouro Preto - e o chafariz, sob o pretexto de que elas não estavam presentes no cenário Barroco:

Figura 6: Praça da Sé. 1910



Fonte: <https://www.facebook.com/ALMAnaquedeMariana/photos/a.122431771214193/122432441214126/?type=3&theater>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

Em meados da década de 1930, a Praça da Sé recebe uma espécie de “casinha”, onde funcionava como ponto de distribuição de energia elétrica, fato este que descaracterizou completamente o cenário barroco presente no logradouro:

Figura 7: Casinha de força e luz da Praça da Sé. 1939



Fonte: <https://www.facebook.com/ALMAnaquedeMariana/photos/a.122431771214193/130259970431373/?type=3&theater>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

Sobre a foto acima, Dona Hebe, após a pergunta do grupo, aponta:

“GRUPO: DONA HEBE O QUE ERA ESSE NEGÓCIO, ESSA CASINHA NO MEIO DA PRAÇA DA SÉ? ESSA FOTO É DE 1939:

HEBE: É eu tinha 8 anos.

GRUPO: É QUE EU ACHEI ENGRAÇADO ESSA FOTO

HEBE: Não é essa coisa de força e luz não?

GRUPO: É PARECE TEM ESSES FIOS, MAS NO MEIO DA PRAÇA DA SÉ...

HEBE: Eu vou olhar isso com uma pessoa que, é aqui é a Casa do Conego Cota, é isso mesmo, eu lembro disso, mas eu não sei se era da força e luz.” (SOARES et. al. 2018)

Na década de 1960, a Praça da Sé não apresentava o desnível presente na foto anterior e nem o ponto de distribuição de energia, fato lembrado pela entrevistada ao se referir ao posterior estacionamento que foi construído no local:

Figura 8: Praça da Sé. Meados do século XX.



Fonte: encurtador.com.br/pRY06. Acesso em 27 de novembro de 2019.

O estacionamento presente na Praça da Sé, na década de 1980, conforme imagem a seguir, é apontado por Dona Hebe como “uma loucura de prefeito doido,

ignorante”, referindo-se à descaracterização da praça como um espaço genuinamente barroco.

Figura 9: Praça da Sé com estacionamento. Década de 1980.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1763105317123243&set=gm.1136215006539899&type=3&theater>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

Neste sentido, Fonseca apresenta que havia uma recusa sobre qualquer modificação estilística que não fosse barroca no centro histórico. Ademais, o SPHAN buscava a preservação dos monumentos históricos da cidade. No entanto, ao passo que o órgão buscava recuperar o caráter barroco do centro histórico, a população continuava se utilizando desses espaços históricos e públicos para a realização de festividades, sobretudo religiosas. Ao ser questionada sobre as festas culturais que não existem mais na cidade, Dona Hebe relembra que num passado recente a Igreja realizava muitas festas e procissões:

“GRUPO: TINHA ALGUMA FESTA CULTURAL QUE HOJE EM DIA NÃO TEM MAIS POR EXEMPLO?”

HEBE: Olha, a própria igreja deixou de fazer muitos eventos. Por exemplo, aqui tinha uma procissão de fogaréu que saia procurando Jesus. Tinha uma procissão de cinza, que eram catorze andores, eu me lembro que eu ia de anjo gente, meu pai morria de rir, ele achava aquilo tudo uma coisa horrorosa, mas ele deixava a gente ir. Minhas irmãs e eu iam de anjo, eram catorze andores de santos, cada um com quatro anjos cuidando deles, mas não era pra carregar não, pois eles eram pesados. Era assim, uma espécie de... Guardião! Anjas guardiães. Aí, minha mãe achava aquilo muito bonito, ela gostava de festas. Tinham coroações, muito bonitas. Hoje tem umas coisas muito brega, eu acho, umas coisas, assim, muito ridículas, sem arte. Eu não quero a cultura só acadêmica não, eu queria arte, eu quero arte! Eu não vejo arte nos trabalhos, em muitos trabalhos em Mariana. Não sei se eles acostumaram com mimeografo, com a máquina de xerox, ou com a internet que copia tudo. Hoje o pessoal não tem esforço, naquele tempo se criava...” (SOARES et. al. 2018)

Com a fala da entrevistada, podemos traçar a congruência de dois tempos históricos na cidade, sendo um o passado (áureo) e o presente, representado pela aceleração. Neste ponto, Fonseca aponta que:

“Mariana de quatro décadas passadas era muito diferente da princesa serrana de hoje. Nos dias que correm, sente-se que passa sobre sua frente prateada um sopro de rejuvenescimento, uma aura de modernismo, uma vibração de dinamismo: recebe, por certo, novas seivas de vitalidade, mas esse vigor, esses adornos, obra do progresso, não afogam os encantos ternos de outrora.” (FONSECA, 1995 apud MOURA SANTOS, 1967)

A partir da citação acima e da teoria de longa duração de Braudel, o que observa-se com relação à praça da Sé, especialmente, são as tentativas de reconstituição de um espaço o mais próximo possível com o cenário original do

logradouro. A Catedral de Nossa Senhora da Assunção, por exemplo, sofreu pouquíssimas modificações desde o final do século XVIII, sendo um marco do patrimônio nacional bastante preservado, no entanto, as camadas de presente tornam-se evidentes quando reformas ou melhorias são realizadas no templo, ou seja, o monumento histórico pode ser referenciado quase que da mesma maneira tanto no passado como no presente, apontando para um encontro entre os dois tempos.

5.3 Colégio Providência

O Colégio Providência, primeiro colégio feminino de Minas Gerais, foi fundado no ano de 1850, pelo então bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso, que pensando na instrução de moças da cidade de Mariana, convida a missão das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, com sede da congregação na França, a fim de implantarem o projeto educacional. Em funcionamento até o presente, o Colégio destaca-se por funcionar em um grande prédio e por ser de caráter confessional, baseado no carisma de São Vicente de Paulo de liberdade, fraternidade e caridade.

Não nos ateremos à estrutura física do atual colégio, construída em 1930, mas sim ao *ethos* no interior do ambiente escolar pautado na entrevista de Dona Hebe, enfaticamente rememorado. Deve-se ressaltar o caráter de caridade que a educação assumiu perante a Igreja Católica, uma vez que, a partir da vinda das Filhas da Caridade para a cidade de Mariana, o Colégio tinha por vocação atender aos doentes e às camadas mais pobres.

Dona Hebe, nascida quase no mesmo ano da inauguração do novo prédio do Colégio Providência, vivenciou seu processo educacional inicialmente no Grupo Escolar Dom Benevides e cursou o atual Ensino Médio no Colégio Providência. Em sua passagem por este colégio, a entrevistada relata sobre a rigidez do ensino e sobre a qualidade de educação ofertada pelas irmãs vicentinas:

“Tanto prova que a escola, não era essa escola de hoje, a escola de hoje é muito diferente, nossa escola tinha respeito, nossa escola tinha disciplina, na nossa escola ninguém gritava, ninguém falava alto.” (SOARES et al, 2018)

Nesse aspecto, devemos nos atentar para o modelo de educação na qual a entrevistada recebeu em sua passagem pelo Colégio Providência. O modelo rígido de uma escola confessional católica, recebe o projeto republicano das Escolas Normais, com o intuito de formar professores para atuar na educação básica do país. A partir da educação normalista, da qual Dona Hebe vivenciou, depreende-se a importância da formação de professores na vida da entrevistada, uma vez que sua passagem pelo Colégio Providência lhe rendera capacitação para atuar como professora em seu início de carreira.

Com relação ao tipo de educação presente no Providência, Dona Hebe assinala:

"Os padres aqui tinham uma cultura, fora do comum. Eu por exemplo, eu tive uma sorte danada porque no Colégio Providência eu tinha os professores padres, e eles sabiam muito, muito mesmo. Tanto que eu aprendi linguística quando estava no segundo grau, ninguém falava em linguística, eu aprendi no segundo grau! Quem no segundo grau ouvia falar em linguística? Ninguém naquela época. Eu estudei de 1942 a 1949 no Providência, então ninguém falava em linguística em 42, 43, 49... Então, era muito avançado o ensino, os padres ajudavam muito, eu tive vários professores do seminários, mas eram sábios mesmo." (SOARES et al, 2018)

Dona Hebe aponta para a disciplina como algo muito importante, sendo que os alunos tidos como mais levados eram mal vistos pelos professores e pelas diretoras do colégio. Os castigos - muitas vezes físicos - faziam parte da rotina escolar, em conformidade com o modelo de educação proposto na época. A partir de questões nossas, Dona Hebe explicita como era sua rotina no Providência:

“GRUPO: ERA ESSE O HÁBITO QUE AS FREIRAS DO COLÉGIO USAVAM?”



HEBE: É esse, o hábito. Então, isso chama corneta. E um dia, nós tínhamos uma mania de brincar com o tapete da escola, eu não tinha juízo mesmo, aí nós tamo brincando com o tapete da escola. Eu vou até te mostrar quem é a irmã que a gente foi, nossa coitada, não sabe... aí nós púnhamos o tapete, chamávamos uma colega, olha que ideia, quando ela vinha puxava o tapete, literalmente puxava o tapete. Aí, nós mandamos a colega lá pra fora. Todo dia tinha isso, mas era só quatro que sabia.

GRUPO: QUEM ERA?

HEBE: Uma irmã dessas daí, a irmã Bernadete, é uma altona, essa aqui ó (apontando para uma das freiras da foto acima). Coitada... essa ai foi nossa vítima. Entra ela toda elegante, que ela andava, ela parecia, era elegante não, ela parecia uma girafa de tão grande. Aí ela entrou. Quando ela pisou, a menina puxou... gente, a irmã foi lá no chão. Elas tinham uma porção de roupa debaixo daquele hábito azul, tinha uma roupa xadrez, uma roupa branca, ficou aquele... gente, nós ficamos apertada com 15 dias de castigo lá no colégio, nossos pais foram chamados, quase que nós fomos mandadas embora.

GRUPO: COMO QUE ERAM OS CASTIGOS NAQUELA ÉPOCA?

HEBE: Eram muito sérios, você ficava, e outra coisa, as vezes você não fez, né. Uma vez uma pessoa desenhou uma coisa lá e era parenta de uma freira, ai eles acharam que era eu e eu fui, e eu não... não desenharia o que ela desenhou de jeito nenhum, não tinha esse hábito, não era santidade nem virtude, aí eu fiquei de castigo

muito tempo até que, a gente não podia defender, até que meu pai foi lá e falou “eu quero ver o papel e manda pro grafologista olhar” aí a irmã, a irmã chegou e falou assim “você sabe quem é, Hebe?” “sei sim, a sobrinha da senhora” pronto. E eu fiquei de castigo muitos dias

GRUPO: ERAM AS PALMATÓRIAS?

HEBE: Não, eu não alcancei palmatória. Eu era séria, eu estudiosa, era muito estudiosa. Uma coisa ou outra que fazia bagunça. Muito difícil. Eu gostava de rir. Eu ria à toa.” (SOARES et al, 2018)

A formação de professores da Escola Normal do Colégio Providência exerceu um papel fundamental na Região dos Inconfidentes, uma vez que, no período de 1902 a 1930:

“Quando da análise do número de alunas 117 naturais da cidade de Mariana (23,1%) e das naturais da Região dos Inconfidentes e Região Central (31,8%), compreendemos que mais da metade das alunas ingressantes no curso normal eram naturais da própria cidade ou de localidades próximas a ela (um total de 54,9%), o que nos mostra a importância desempenhada pelo colégio nessa região.” (SILVA, 2017, p. 116)

Partindo da trajetória profissional da entrevistada, observa-se o fundamental papel da Escola Normal em sua vida, enquanto mulher marianense e professora da educação básica do município. Como ela mesmo se intitula, Dona Hebe considera-se saudosista e afirma sentir saudades dos hábitos educacionais de sua época. Em conformidade com Halbwachs, a entrevistada evoca suas memórias a partir de sua experiência de vida em sociedade, fato este que nos traz a luz a teoria de Koselleck ao pensar que os estratos temporais evidenciam-se nas memórias de Dona Hebe sempre inter-relacionando o passado distante (anterior à ela), o passado

recente (sua vida em décadas passadas) e o presente (vivido em meio às atuais mudanças no *locus* e no *ethos* da cidade).

6 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Com o presente trabalho, a partir da hipótese de Maurice Halbwachs e de Henri Bergson, pudemos compreender a memória enquanto objeto de análise histórica a fim de pensarmos o cenário físico e social da cidade de Mariana - MG. Partindo do entendimento do centro histórico da cidade como uma estrutura de longa duração, nos termos propostos por Fernand Braudel, analisamos o relato de Dona Hebe Rola - figura bastante presente na vida da cidade - que nos foi concedido a partir de um portfólio apresentado como trabalho de conclusão da disciplina Educação Patrimonial.

A escolha por mesclar os conceitos típicos da Teoria da História, os mecanismos psíquicos da memória e a História Oral se desenhou com base no vasto espaço de experiência da entrevistada, em sua trajetória pessoal e profissional como professora emérita da Universidade Federal de Ouro Preto e em sua vida pública, enquanto defensora de seu povo. Dona Hebe Rola é, além disso, uma grande inspiração como educadora e cidadã para todos que cruzam seu caminho.

Os estratos temporais, propostos por Reinhart Koselleck, nos couberam perfeitamente neste estudo, uma vez que a paisagem urbana da cidade nos remete diretamente, em um jogo dual, ao passado e ao presente, ao visualizarmos construções que são de um passado consolidado nos séculos XVIII e XIX em contraposição à estruturas típicas de nosso tempo:

“Deve-se preservar não somente a pátina dos edifícios antigos, mas também as adições sucessivas acumuladas através dos tempos: verdadeiras estratificações, comparáveis às da crosta terrestre [...]”
(FONSECA, 1995 apud CHOAY, 1992)

A partir dos escritos de Cláudia Damasceno Fonseca, em diálogo com a entrevista e com a teoria de Koselleck, podemos concluir nossa hipótese de que a cidade de Mariana aglutina os tempos históricos em si. O passado, o presente e o futuro entrelaçam-se e estratificam-se, como camadas geológicas na história da Terra, no entanto, esta comunhão entre os tempos históricos partem, em nosso

trabalho, das lembranças de uma mulher que vivera a maior parte do século XX e continua presenciando esta comunhão em sua vida pessoal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Schirley Fátima Nogueira da Silva Cavalcante; FIGUEIREDO, Madeleine Alves de; PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira. **História da Praça Gomes Freire: o jardim de Mariana**. Lavras, MG: UFLA 2010. 32 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [2007]. 484 p.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva 1978. 294p

CHOAY, Françoise. **L'Allegorie du Patrimoine**. 1º Ed. Paris: Editions du Seuil, 1992.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. 2. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2006. 135 p.

HAMDAN, Juliana Cesário; FONSECA, Marcus Vinicius; CARVALHO, Rosana Areal de (org.). **Entre o seminário e o grupo escolar: a história da educação em Mariana-MG (XVIII XX)**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural**. 1995. 200 f. Dissertação(Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências.

HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro 2006. 222 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 2014.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares.** *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

MOURA SANTOS, Waldemar de. **Lendas Marianenses.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967. 247 p.

SILVA, José Gustavo Almeida da; **História da Escola Normal do Colégio Providência de Mariana - MG (1902 - 1930).** 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação Em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Linha de História, Filosofia e Sociologia da Educação.

VASCONCELLOS, Salomão. **O Palácio de Assumar.** Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner Ltda, 1938, 116 p.

_____, Salomão. **Mariana e seus templos.** Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner Ltda, 1938, 116 p.

_____, Salomão. **Breviário Histórico e Turístico da Cidade de Mariana.** Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947, 97 p.

VELOSO, Tércio Voltani; **A dimensão dos lugares: fluidez, dinâmica social e ocupação do espaço urbano em Mariana nos Livros do Tombo de 1752.** 2013. 284 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. Área de concentração: Poder, espaço e Sociedade

PEREIRA, Carlos Alberto; TEDESCHI, Denise Maria Ribeiro; PEREIRA, Fabrício Luiz; ALFAGALI, Crislayne Gloss Marão (Org.). **O espaço e os construtores de Mariana (século XVIII).** Ouro Preto (MG): Editora UFOP, 2016. 332 p.

ANEXO 1 - ENTREVISTA

ENTREVISTA CONCEDIDA POR DONA HEBE RÔLA EM 24/01/18.

Autoria: Guilherme Soares, Verônica Garcia Simões, Maria Luísa Patrocínio e Lucas Patricio.

GRUPO: A GENTE VAI PEDIR PRA FALAR UM POUQUINHO QUEM É A PESSOA PRA DEPOIS REMEMORAR ALGUNS PONTOS ESPECÍFICOS DA VIDA. SEU NOME A GENTE NÃO CONHECE, NÉ, AFINAL VOCÊ NÃO É FAMOSA! RISOS

HEBE: Então, meu nome, na realidade, eu tenho um nome que é conhecido por todo mundo, que é Hebe Rôla, que todo mundo chama e que, às vezes no Nordeste é símbolo fálico (Risos), mas eu acho ótimo assim mesmo. Mas na verdade eu venho de uma família síria e uma família portuguesa. Meu avô materno era do Líbano e meus avós paternos eram de Santa Eulália, em Portugal. E eles vieram pro Brasil, então a minha árvore genealógica registra dois povos diferentes, mas que se encontraram aqui no Brasil.

Então, a minha mãe era filha dos sírios e meu pai, que tem o sobrenome Rôla, é filho dos portugueses. Minha mãe era uma pianista, ela estudou e tal, como normalista, porque antigamente todo mundo ia ser normalista, mas na realidade ela era mais pianista, ela tocava. Na família desse meu avô libanês, todos os filhos eram músicos, então tinham uma orquestra e essa orquestra era composta de violino, piano, flauta e outros instrumentos. Eu tinha um tio que era maestro da orquestra e meus tios todos tocavam, exceto uma que gostava só de dançar, então todo mundo

ficava zangado com ela porque ela gostava só de dançar e os outros todos tocavam. Minha mãe então, tocava no país todo, ela viajava muito.

GRUPO: QUAL ERA O NOME DA SUA MÃE?

HEBE: Era Guiomar Marques Rôla. Não! O nome de solteiro era.... não to me lembrando agora... minha mãe chamava Guimar Marques da Silva, por que? Porque meu avô naturalizou-se, era brasileiro e ele era capitão... capitão não, ele tinha um cargo na milícia síria, no exército sírio e veio pra ficar aqui no Brasil. Então ele acabou chegando aqui e comprando essa patente, né, porque antigamente comprava., então ele comprou. Então ficou Miguel Antônio da Silva, que não tem nada a ver com ele...aliás, o Miguel tem porque era Michael, mas ele falava francês muito bem porque todos os sírios do lugar onde ele morava dominavam a língua francesa, então pra ele foi fácil e na época em que ele veio pro Brasil, o francês é que imperava. Ninguém falava inglês, então pra ele foi fácil, ele era um comerciante rico. Ele tinha, aqui em Mariana, muitas posses, por exemplo: ele tinha...tem a praça ali. Tem a casa enorme, assim, que é um hotel, com o comércio embaixo, restaurantes, tudo? Então, ali era a casa do meu avô. Tudo ali era a casa do meu avô e embaixo ele tinha o comércio. E lá ele tinha essa orquestra que tocava no cinema porque o cinema era mudo. Passava em alguns locais, porque não tinha um local próprio o cinema igual tem esse aí, né. Então meus tios eram todos artistas, poetas, assim.

E da parte do meu pai, eles vieram também com um certo dinheiro, tanto que um dos primos dele era dono de uma quitandinha no Rio, do lado daquele hotel famoso, de grandes festas, né. E a família do meu pai era agropecuarista no Brasil. Então, trabalhavam com plantio e criação de gado e ela se espalhou pra Minas toda, o sobrenome Rôla. E meu pai, ele estudou aqui no seminário e era filósofo, formado em filosofia aqui no seminário.

GRUPO: COMO ELE SE CHAMAVA?

HEBE: José de Carvalho. Ele, então, estudou no seminário, mas ele não gostou de coisas que ele viu no seminário. Então ele saiu, mas ele se formou em filosofia. Ele chegou a fazer teologia, mas não se formou em teologia, formou só em filosofia. Não quis ficar, porque ele viu coisas que não agradavam ele e ele virou espírita depois, era Kardecista. Ele não gostou do que ele viu no seminário, e nós somos formados assim: com essa parte artística da minha mãe e a filosofia do meu pai. Então era muito importante pra nós. Nós éramos em cinco irmãos... não, seis... até eu to me esquecendo... seis irmãos, tá certo! Nós éramos em seis irmãos, cinco mulheres e um homem, mas esse irmão já morreu, mas as mulheres estão todas vivas e velhas (Risos).

GRUPO: TODAS MORAM AQUI, TAMBÉM?

HEBE: Algumas moram aqui. Uma mora em Ponte Nova e quatro moram aqui. São três profissionais da educação, que são minhas três irmãs que são profissionais da educação e meu irmão, primeiro ele foi comerciário e depois foi comerciante.

GRUPO: E A SENHORA É NASCIDA AQUI EM MARIANA?

HEBE: Nesta casa.

GRUPO: ENTÃO, A SUA VIDA INTEIRA VOCÊ VIVEU AQUI. QUAL QUE É O NOME DESTA RUA?

HEBE: Rua Dom Silvério, número 86.

GRUPO: FALE UM POUCO MAIS DO SEU CÍRCULO SOCIAL, DA SUA JUVENTUDE...

HEBE: Então, a maneira que nós fomos criados, parece que até no nosso DNA mesmo, já nasceu essa questão: da comunicação e da fraternidade. Parece que está no nosso DNA. Então todos são comunicativos na nossa família, todos contribuem muito pra sociedade e nós fomos criados nesse ambiente. Meu pai falava o seguinte: nós tínhamos que respeitar as pessoas, não precisava de ir à missa. Então ele era contra ir na Igreja, porque se quisesse falar com Deus, falava em casa. E nós fomos criados assim. Nós não tivemos, assim, convívio com a Igreja Católica, né, nem com Igreja Evangélica nenhuma. Tivemos convívio só com uma vida fraterna. Ele não impôs também o Kardecismo, mas nós fomos criados pra ser fraternos e respeitar o outro. Nossa formação, o tempo todo da família era essa. E todos nós ajudamos as pessoas, a nossa família toda é assim, contribui com a sociedade, colaboram. Minhas filhas todas fazem isso, meus filhos todos fazem isso, olha uma pessoa que tem dificuldade e ajudam; quando alguém precisa aprender alguma coisa, se sabem, eles ensinam. Eu tive, e minhas irmãs mais velhas também, uma vida muito boa. Mariana era uma cidade bucólica, ela não era essa cidade que você quase não pode viver nela, porque hoje você tem que fazer uma ginástica muito grande pra você ver Mariana. **A MARIANA ERA UMA FAMÍLIA, ERA BONITO DEMAIS.** Então, por exemplo, uma pessoa ia sair e falava: *“aqui, meus meninos vão ficar em casa, você da uma olhada neles?”*. As mães saíam para trabalhar e os filhos ficavam em casa. E não tinha menino de rua. Quando Dom Luciano veio pra cá, ele falou assim: *“Nós vamos fazer um trabalho com as crianças de rua”*, aí eu falei: *“Dom Luciano, aqui em Mariana agora, que temos meninos de rua, uma ou outra, mas dizer que temos meninos de rua assim em profusão? Nós não temos não”*. As famílias eram educadas mesmo, as famílias educavam. Então, as crianças não saíam de casa. E não tinha televisão. Não tinha muito rádio, não era toda família que tinha rádio. Eu me lembro do dia, depois que eu já era casada, quando eu comprei a televisão, meus meninos ficaram alegres demais, felizes demais. E isso, veja bem, isso em mil novecentos e sessenta e tanto que eu comprei

televisão... setenta. Foi 1970 que eu comprei a televisão, e as outras pessoas não tinham, também não tinham rádio, aqui em Mariana poucas casas tinha rádio. Na minha tinha, meu pai ouvia a radio e tinha os programas que a gente ouvia. Ele nunca chegou e falou assim: não, não pode ouvir esse programa. Ele nos 'punha' em contato com a realidade, nós é que tínhamos que nos comportar. Por exemplo, ele falava: *"você não devem ir a esse lugar, não devem"*... Nós fomos criadas assim, a gente brincava na rua. Porque quando eu era criança não tinha carro aqui em Mariana não, se tinha era um ou outro que você não via. Depois que eu fiquei maior, ficaram dois carros aqui em Mariana, tinham dois chofer, eu me lembro os nomes deles demais, um era nosso vizinho que chamava Valter Quirino de Almeida, e o outro chamava Joãozinho Viera. Não tinha carro, não tinha nada. O Jardim era todo cercado e a gente brincava lá dentro. Então nós tínhamos, nós fazíamos, nós brincávamos de cozinhar, a gente chamava de cozinhar, brincava aqui na praça, na porta da rua, armava o foguinho lá, fazia um fogãozinho e todo mundo cozinha feliz. Brincávamos de roda, nós tínhamos uma vida muito boa, as crianças da rua toda, então vinha todo mundo, ninguém nos importunava, ninguém! As mães ficavam na janela ou conversando na porta da rua e aplaudiam. Elas nunca chegaram: canta mais baixo. Não tinha nada disso. Nós podíamos cantar, com o volume que a voz desse, e as vezes a gente gritava, brincando, a gente gritava. Ninguém reclamava, porque já era usual. Então todo mundo fazia, qualquer criança brincava na rua. Por exemplo aqui na praça dos três poderes, que é a praça Minas Gerais, que tem o poder de São Francisco, o poder de Nossa Senhora do Carmo e o poder legislativo, então chama de Praça dos três poderes, mas chama praça Minas Gerais. Aqui na praça Minas Gerais, os meninos iam jogar futebol. Pra jogar futebol, pra não gastar o sapato, porque era difícil comprar sapato. Uns porque não tinham dinheiro, outros porque o pai recomendava: *"Não gaste muito, economize"* ou então, porque, também, tinham dois sapateiros aqui, um tinha uma oficina ali no Jardim, na Praça Gomes Freire, e o outro lá no Rosário. Então eram dois sapateiros, pra dá conta dos sapatos de todos. Quase ninguém importava nada não. Quando meus avós iam ao Líbano... meu avô né, minha vó não ia mais não. Quando meu avô ia ao Líbano ou ao Rio de Janeiro, que meus tios começaram a morar no Rio de Janeiro, aí a gente ganhava umas coisas diferentes, a gente entrava um pouco em contato

com a produção industrial, não é? E aqui nós não tínhamos produção industrial. Tanto que no colégio português, eu estudava lá né. Primeiro, eu estudei em casa com meus pais, depois eu fui pro grupo escolar Dom Benevides, que eu fiz o terceiro ano e quarto, porque tinha que ter um diploma pra entrar na escola. Mas eu já sabia ler, escrever, já sabia fazer tudo. Com três anos eu aprendi a ler, porque meu tio era médico, e ele foi aos Estados Unidos pra um congresso, e ele trouxe um tipo de alfabetização muito bom, e me ensinou, então eu li cedo. Aí eu fui pra essa escola, eu tive sorte que eu tive só professora boa, eu tive uma professora só, chamava Dona Maria do Rosário Mansur, Dona Mariazinha. Uma mulher que tinha uma competência e um desempenho! Tanto prova que a escola, não era essa escola de hoje, a escola de hoje é muito diferente, nossa escola tinha respeito, nossa escola tinha disciplina, na nossa escola ninguém gritava, ninguém falava alto. Porque? Porque era uma educação mesmo, e não tinham muitos aparelhos televisivos, muito aparelho de som, pra competir com o falante né. Na escola Dom Benevides, a gente aprendia, as ordens todas, eram dadas através de música. Mariana toda era musical, era uma cidade musical, era uma cidade erudita mesmo. Todo mundo sabia língua portuguesa muito bem, conversava muito bem. (As profissionais assim, igual ela (apontando para a empregada doméstica), conversavam e as patroas corrigiam, pra falar o português culto (**Cochicho**). Então, todo mundo quase falava o português culto, só na zona rural é que as pessoas, um ou outro que vinha pra cidade, é que falava o dialeto mais lá, não é um dialeto... é que falava assim: *“nois fomo, nois foi”*. Aqui na região, as crianças aprendiam desde pequena, na escola a falar a norma culta da língua, porque escola é pra ensinar a norma culta, ela não é pra ensinar popular, porque se fosse a norma popular, não precisava da escola, aprendia em casa, não é? Aí aprendia na escola. E outra coisa muito importante, as pessoas viviam do próprio esforço delas. Por exemplo, todo mundo plantava, na Mariana que eu conheci né, todo mundo plantava, todo mundo colhia, todo mundo criava animais. Porque Mariana, ela ganhou uma lição, quando rareou o ouro né, no bicentenário dela, quando ela fez duzentos anos ela começou a acordar, porque no bicentenário dela o povo tava passando fome, porque não sabia plantar, nem sabia nada, passava fome, com dinheiro no bolso passava fome, porque não tinha nada. Então o povo de Mariana aprendeu, a fazer chacrinha, a fazer hortinha, criar animais e a

gente conviveu nisso. Meu pai plantava tudo, plantava tudo aí, plantava o quintal todo, tinha um sítio também na roça e tinha umas terras também lá no Antônio Pereira. Então, era muito interessante o jeito que você era criado. Por exemplo, o que você comia era o arroz, o feijão, o legume, a verdura e a carne, você não tinha tanta opção de comida, os ovos né, e as pessoas faziam muito bolo, as donas de casa faziam muito bolo e as empregadas também. Nós tivemos empregadas, minha mãe não fazia quase nada na cozinha, mas nós tivemos boas empregadas, elas faziam muito bem essas coisas, então todo mundo comia bem, mas comia saudável. Criança agora, tem marca de roupa, nós não tinha marca de roupa, porque não tinha indústria. Aqui tinha uma fábrica de tecido, mas ela fazia só chita e esse algodão... a indústria demorou muito pra chegar aqui.

GRUPO: DONA HEBE, VOCÊ TAMBÉM TEVE UM IRMÃO ADOTIVO NÉ? QUE ERA QUASE DA SUA IDADE NÉ?

HEBE: Ah, minha mãe adotava menino, até se tivesse lá em Portugal, lá não sei aonde, lá na Cochinchina, um menino pra adotar minha mãe adotava. Ela adotou dezesseis pessoas e criou, agora como que foi, eu não sei, porque eu conheci poucos. Eu conheci a mais velha, que é nossa irmã mais velha, chamava Elvira e era filha de uma espanhola que veio, porque antigamente vinham mulheres para prostituir no Rio, né? E essa mãe dela veio nessa leva, e a menina nasceu, não sei porque, aqui em Mariana, aí minha mãe adotou. Adotou uma outra, que chamava Leticia, foi a que me criou, que era minha babá. E foi adotando, adotou um rapaz, que ainda anda ai, lá perto do ICHS, que anda com um bastão.

GRUPO: O FAMOSO SEU ALÍPIO NÉ?

HEBE: É, era o capeta (risos). Minha mãe sofreu muito com ele, porque ele era muito danado. E ele ganha bem, com cara ai de que não ganha nada, gasta o dinheiro todo pra fazer bonito, depois fica pedindo dinheiro. (risos) Ele é fogo. Ele estudou, minha mãe pois ele pra estudar. Todos estudavam. A minha irmã de criação, a última que minha mãe criou, que é da idade da minha filha mais velha, ela

fez segundo grau, e depois ela tinha que passar pro terceiro grau, mas ai já não quis mais. Também, assim, eles eram muito cheios de vontade, né? Porque minha mãe passava a mão na cabeça deles, e minha mãe criou depois de idosa, ela criou essa moça. E ela foi criando os filhos dos outros assim. É porque, era assim, meu pai gostava de fazer caridade e ela mais ainda, ela se acostumou com aquilo e foi criando. Nós tivemos uma vida rica, de rico, mas depois ficamos pobres e minha mãe ficou criando os filhos dos outros, pra dividir ainda o que tinha pouco.

GRUPO: DONA HEBE, O QUE QUE VOCÊ ACHA QUE MUDOU MAIS EM MARIANA?

HEBE: Justamente, foram os hábitos. Os hábitos. Mudou o respeito; mudou a cultura do povo, não é a cultura, eu não quero só a cultura erudita acadêmica não, a cultura nossa mesmo.

GRUPO: TINHA ALGUMA FESTA CULTURAL QUE HOJE EM DIA NÃO TEM MAIS POR EXEMPLO?

HEBE: Olha, a própria igreja deixou de fazer muitos eventos. Por exemplo, aqui tinha uma procissão de fogaréu que saia procurando Jesus. Tinha uma procissão de cinza, que eram catorze andores, eu me lembro que eu ia de anjo gente, meu pai morria de rir, ele achava aquilo tudo uma coisa horrorosa, mas ele deixava a gente ir. Minhas irmãs e eu iam de anjo, eram catorze andores de santos, cada um com quatro anjos cuidando deles, mas não era pra carregar não, pois eles eram pesados. Era assim, uma espécie de... Guardião! Anjas guardiães. Aí, minha mãe achava aquilo muito bonito, ela gostava de festas. Tinham coroações, muito bonitas. Hoje tem umas coisas muito brega, eu acho, umas coisas, assim, muito ridículas, sem arte. Eu não quero a cultura só acadêmica não, eu queria arte, eu quero arte! Eu não vejo arte nos trabalhos, em muitos trabalhos em Mariana. Não sei

se eles acostumaram com mimeografo, com a máquina de xerox, ou com a internet que copia tudo. Hoje o pessoal não tem esforço, naquele tempo se criava...

GRUPO: TINHAM MUITOS PINTORES AQUI?

HEBE: Tinha... Pintores hoje? Assim pintores mesmo, hoje até que tem alguns né. Mas tem muitos que exercitam essa arte, não sei como, mas exercitam essa arte. Mas sempre teve, por exemplo Manuel da Costa Athayde eu não conheci, não é do meu tempo, mas ele foi da Mariana que eu queria que voltasse a ser. Ele era um modelo, e o que que ele fez? É, a única coisa que ele pediu, foi pedir a Dom Pedro pra abrir uma escola de arte aqui em Mariana, pra você vê, ele não pensava nele, ele era altruísta, ele era abnegado, pensou na escola para ensinar, e ele ensinou, ele deixou discípulos né? E outros também, tinha muito poeta bom, os poetas mais antigos, por exemplo...

GRUPO: TINHAM NOITES DE POESIA?

HEBE: Os saraus eram nas casas. Eu alcancei os saraus nas casas, e depois que eu cresci comecei a fazer os saraus nas casas, lá em Passagem, porque eu era diretora de passagem e nós exercitamos isso. Mas quando eu saí de lá acabou, porque não tinham pessoas pra continuar. Mas os saraus eram em casa, eles eram de poesia e de música, certinho! Eram lítero-musicais. Então eram muito bonitos mesmo e educavam as pessoas. Outra coisa, nós tínhamos... por exemplo, na questão da alimentação né... você vai a uma festa hoje, serve um coquetel e as pessoas vão a mesa como abelha né, um enxame, e você fica com vergonha, eu fico né, não sei se todo mundo fica, mas eu fico com vergonha. As pessoas eram educadas, por exemplo, meus filhos, até meus filhos eu conservei assim. Nós na nossa casa, tinham as empregadas que cuidavam da casa né, e as babas, elas davam comida, refeição mesmo, antes de ir pra uma festa de aniversário. Aí chegava lá e a gente não fazia falta de educação, porque criança não tem limite né,

e era assim. E nós, por exemplo, uniforme de estudante, das escolas, era assim certinho, o corpo limpinho, arrumadinho, se tivesse meia três quartos, como antigamente usavam, eram meia três quartos sabe? Era um uniforme mesmo! Eu não gosto muito de uniforme não, porque eu acho que despessoaliza a gente, mas para uma escola é bom porque ela precisa saber quem está lá dentro, então pra escola é bom. Por exemplo, eu estudei no colégio providência, tinha hora pra tudo. No Dom Benevides, hora marcada no piano, conforme a música, que eram sempre clássicos, não tocava essas músicas atuais não, que eu acho até muito bonitas, populares né, eu até componho música popular, eu gosto, mas eram muito bonitas as músicas. Elas eram os clássicos, eles acalmavam a gente. Por exemplo, a primeira música era pras crianças se formarem em filas, nós estávamos brincando, escutava a música, todo mundo corria, não precisava de nenhum professor ficar gritando, nenhum. Outra coisa, aí tocava outra música, sempre assim né, um trequinho né, de outra música, sempre assim de Beethoven, Schubert, era coisa chique mesmo, só clássicos! Aí tocava e a gente ia pra sala de aula, e assim que a gente entrasse pra sala de aula, que a professora mandasse sentar, daí pra frente o piano silenciava. Eles tocavam pra tudo, depois tocavam na hora do recreio, tinha o sininho, o sininho tocava, mas o piano também tocava, era muito bonito o Dom Benevides!

GRUPO: QUANDO VOCÊ ENTROU NA SUA ADOLESCÊNCIA, VOCÊ IA EM MUITAS FESTAS AQUI DONA HEBE? COMO É QUE FOI SUA VIDA AQUI DE JOVEM?

HEBE: Muitas, bailes. Pois é, então, a gente tinha uma liberdade muito grande, até certo ponto, mas por exemplo, namoro não podia. Você até se formar, tanto que tem uma música que chama normalista que fala: “mas a normalista linda não pode casar ainda, só depois de se formar”. Então, assim eram nossos pais. Eles não deixavam, por exemplo, meninas de quinze anos, até quinze anos elas não calçavam saltinho, só depois dos quinze. Tinham um tanto de regras, que eram obedecidas naturalmente, isso que eu acho engraçado, elas eram obedecidas

naturalmente. Agora, as músicas da minha época por exemplo, quando eu já era adolescente e jovem eram diferentes, mas quando eu era criança, as músicas que geralmente a gente brincava de roda na rua, nós brincávamos na rua, e na rua a gente cantava as canções. Então, eu me lembro de uma das canções que me incomodava, eu era menina ainda, mas me incomodava, me incomodava depois que eu cresci, por que até enquanto eu cresci a gente cantava aquilo, assim, por cantar. Como todo mundo que fala que menino não pode cantar atirei o pau no gato porque fica menino mal, não sei o que. Eu não acredito nisso, sabe por que? Porque a gente cantava por cantar, cada um queria mostrar a voz, não tinha aquela de ficar refletindo sobre a letra da prosa não. Eu lembro que a gente cantava uma música de roda, e depois que eu comecei a fazer o segundo grau é que eu comecei a antenar pra o que a música falava. Falava assim: *“onde mora senhora condessa/ de língua de prata de São Lourenço/ Senhor rei mandou buscar/ uma das filhas para casar”*. Aí ela falava: *“Minha filha eu não dou nem por ouro nem por prata/ nem o sangue de barata porque custou muito criá-las”*. Aí o emissário do Rei fala: *“Tão alegre eu já vinha/ Tão tristonho vou voltar”*. Aí a mãe chama: *“Volte volte cavalheiro” e escrito ia: “venha escolher nesse mosteiro/ qual é delas que você quer? ”*. Aí ele vinha falando: *“está quero, está não quero/ essa come pão da sesta/ bebe vinho da galeta/ come queijo e requeijão/ vim buscar meu coração”*. Então, olha como eram escolhidas as mulheres, mas a gente não pensava nisso, a gente cantava aquilo e achava bonito. Por isso que eu acho que a criança hoje, ela tem muita informação né, na televisão, na internet, mas antigamente não tinha essa aparelhagem, aí a gente não pensava nesse negócio não, depois que eu fiquei adolescente assim, aí que eu comecei a pensar, porque né? Eu não pensei em nada, nessas cantigas de roda, olha o preconceito contra a mulher! A mulher é um traste que vai ser escolhido, se ela fizer alguma coisa errada ela não serve, ela tem que ser infalível, ela tem que ser melhor que todo mundo. Então, depois que eu fui pensar nisso, depois que eu tinha uns catorze quinze anos que eu pensei, enquanto eu brinquei na rua eu achei aquilo fantástico, ficava doida na hora de cantar, se me escolhessem eu ficava toda feliz, quando não me escolhiam ficava triste. Então, essa época, foi uma época, que as informações eram só nos livros e nem todo mundo tinha livro. Aqui em casa, por exemplo, era ler e passar pro outro pro outro ler. As vezes nem voltava pra

biblioteca, ai eu fui crescendo com essa ideia de ler, mas as pessoas gostavam de ler! Falam: naquele tempo ninguém gostava de ler, é mentira! As pessoas gostavam de ler, porque era o único refúgio. A única viagem que elas faziam, porque ninguém ia no exterior não, no meu tempo, quem que ia pro exterior? Só os adultos né, criança não ia, daqui da nossa região. Mariana tinha uma outra vantagem, os partidos políticos eram dois só, chamava esquerda e direita, mas não era essa esquerda de hoje, não era a esquerda lulista não, era a esquerda, aquela que tem origem na França, as pessoas que se sentam do lado esquerdo do prefeito e direita quem senta do lado direito do prefeito. Mas tinha uma filosofia, de qualquer forma, tinha uma filosofia. E era bom, em um ponto era ruim, porque uns perseguiram os outros as vezes, mas no outro ponto era bom que tinha amolação, então tinha estímulo para as pessoas querer cada vez fazer mais sempre. Os carnavais eram maravilhosos, os carnavais eram lindos, quando o homem foi à Lua, Mariana cantou: *“Gagarin foi ao céu profundo”*, o Marianense compôs. Tinha um time de futebol, a esquerda e a direita eram assim, a direita tinha um time de futebol que chamava Marianense, tinha uma banda de música que chamava União Quinze de Novembro, e tinha o partido político né. E o partido da esquerda também tinha um time de futebol, uma sede social, o Marianense tinha uma sede social e o Guarani tinha outra, e tinha o partido político. Agora, conforme o que comandava, era muito ruim porque perseguia as pessoas né, meu pai foi um perseguido político, assim, não igual como perseguiram comunistas essas coisas, mas meu pai perdeu muito da fortuna dele por causa de política, porque era uma perseguição constante né. E nós passamos de uma fase de altamente ricos pra pobres, então a queda foi muito grande, e nós nem ligamos, porque em Mariana era bom viver assim mesmo, era uma cidade boa pra viver e nós continuamos a vida aqui. E tinham esses dois partidos, então era interessante porque o Marianense fazia, por exemplo, um bloco carnavalesco, aí o Guarani fazia também outro. E o partido né, que era direita e esquerda, piolho e percevejo, esquerda era piolho e a direita era percevejo... percevejo você não deve ter conhecido não, era um inseto mau cheiroso que dava na cama das pessoas, igual pulga... então, esses dois partidos eram assim, eles disputavam o delegado, isso na minha infância e juventude também, disputavam o delegado, disputavam o promotor e o juiz. Então, quando vinha de um lado, o outro

sofria, então era assim, tinha essa perseguição, isso era ruim. Mas, no caso das bandas era ótimo, porque elas ficavam estimuladas a uma querer ser mais do que a outra, e a gente acabava entrando no partido político, minha mãe era politqueira, mas politqueira daquelas danadas mesmo! Ela fazia canções de políticos, contra políticos. Então, por exemplo, eu lembro de uma música dela... que tinha um deputado aqui muito sem vergonha, até onde era o ICSA hoje, a gente dava aula lá, e ele criou um ginásio fantasma com o mesmo nome Dom Frei Manuel da Cruz, aí gente não recebia, com a catrefa dele toda sem trabalhar... então minha mãe não gostava dele, meu pai também não gostava dele, ninguém gostava dele, meu pai e minha mãe eram da UDN e os outros do PSD, então ficava quietinho. Então, desde pequeninha que eu via essa briga. Uma vez tinha um delegado muito mal aqui, um amigo do meu pai, que era da família Queiroz, isso eu era pequena, deu uma facada nesse? Volner?, porque ele tava batendo nas pessoas mesmo, um delegado ruim que tinha aqui. Aí deu uma facada nele e meu pai escondeu ele aqui na nossa casa e falou: “ninguém vai falar nada”. Esse seu Jovino Queiroz ficou escondido aqui em casa muito tempo, porque era muita perseguição. Ele defendeu os fracos, e daí ia ser preso, né? Não pode não. Minha família toda era da política, minha mãe fazia pasquim, você sabe o que que é né, folhetim, fazia folhetim, fazia canções, fazia adaptação em música com coisa que ela queria falar de político, fazia tudo. E todo mundo cantava. Nós todos íamos ao campo de futebol, tínhamos um time preferido, todo mundo torcia.

GRUPO: QUAL QUE ERA SEU TIME?

HEBE: Era o Marianense.

GRUPO: MAIS PERTO NÉ?

HEBE: Não! É porque era mesmo! Era do doutor Gomes Freire, meus pais eram amigos do Gomes Freire, então era muito importante. Então a gente ia, e minha mãe compunha, ela compunha trechos humorísticos muito bons...

GRUPO: HOJE EM DIA VOCÊ NÃO TEM MAIS NADA DISSO NÉ? DESSES TRECHOS, DESSES PASQUINS?

HEBE: Eu tenho na cabeça alguma coisa, por exemplo, tinha uma canção... na minha cabeça eu tenho... a gente não quis nem guardar porque era dolorido, minha família foi muito perseguida, mas eu me lembro de uma coisa que ela compôs, tinha uma música que ela compôs com um compositor da banda da União que chamava-se seu Anibal Walter, ele era ótimo compositor, e minha mãe também era musicista, então ela compôs uma música assim, desse Celso Mota que fez o ginásio, então cantava assim: a banda saia e o povo saia todo cantando atrás *“Sentido, sentido/ aperta o passo e olhada”* a gente cantava, todo alegre e tal! A gente achava aquilo maravilhoso: *“sentido, sentido/ tá bem próxima a virada”*. Ai ele falava, pros que já foram embora do partido político, ou outros que tinham mudado de partido, então falava: *“Já perdi meu tameirão/ eu já caí fora/ ai meu deus que confusão/ promotor já vai embora”*. Então, eles ficavam seguros, como lhes disse, no promotor, no juiz e no delegado. Aí a gente cantava isso na rua. Tinha outra música que cantava assim: *“Acorda seu maromba da prefeitura/ Relembra que tá na hora do cargueiro/ Bem sei que você é um cara dura/ mas tem o bolso cheio de dinheiro”*. Já zombava dos políticos! Eu acho que até essa veia que tinha sido a zombaria dos políticos que em oitenta e nove... sei lá quando que foi... na década de oitenta, data eu não sou boa não, por isso que eu não fiz história, então eu não gosto de data. Eu sei que na década de oitenta, noventa, os meninos do Folia Nós, que era um bloco de carnaval, eu fiz uma música, eu lembrei muito da minha mãe, eu fiz a letra e a música da marchinha que o Folia ia pra rua, então eu cantava assim... foi no governo de Itamar Franco... ai falava assim: *“É palhaçada, vê minha gente pro povo não sobra nada/ grande alegria descarrilha CPI/ anãozinho chora, palhaço ri/ O fusca ofusca o topete e tá mal/ O folia dança, tudo é carnaval”*. Mas eu sei, que quando eu

fiz isso, eu me lembrei muito da minha infância, juventude, que minha mãe fazia essas canções, e ela fazia muito bem né, fazia letra e música, era muito boa.

GRUPO: DONA HEBE, E AS PAQUERAS?

HEBE: Pois é, namoro era muito estranho, era muito engraçado. Nós tínhamos o baile que tinha uma dança, dança que chamava arara, então sempre aumentava um homem ou uma mulher, por exemplo tinha os pares dançando, e aumentava um homem ou uma mulher, aí se aumentasse um homem, quando falasse arara, um homem ficava sem par, aí não dançava, e ficava lá até que falasse arara outra vez, pra ele tomar o par de outro; e quando aumentava uma mulher, falava arara, e a mulher ficava sem par também. Quando era moça, era desagradável demais! (risos) Eu ficava segurando o homem que tava dançando comigo pra ele não sair com medo da outra me tomar ele. Mas era muito engraçado. Tinha também no Marianense... a gente frequentava o Marianense, não podia ir no Guarani, depois meu pai uma vez abriu mão pra eu ir em um baile no Guarani porque era formatura da universidade de Ouro Preto, universidade não, que era na época faculdade, universidade só quando o ICHS veio pra cá, então eu fui a um baile lá, que era de formatura de um amigo da família nossa que chamava Cisne, Zé Carlos Cisne, aí nós fomos nesse baile, mas meu pai não deixava ir lá não. E o pessoal do Guarani não entrava no Marianense, nem do Marianense entrava no Guarani, era proibido, as famílias proibiam. Pra ir, por exemplo, em outro baile, tinha o Baile de Gala da Primavera, tinha o Baile de Natal, tinha o Baile de Ano Novo, era muito bonito, a vida social aqui era muito boa. O Marianense tinha saraus, tinha muitas festas mesmo e sempre criava uma festa diferente. Havia comemorações, a comemoração do aniversário, era muito festivo, por exemplo, dezesseis de julho de Mariana, era muito festivo também, tinham os bailes...

GRUPO: É DIFERENTE A COMEMORAÇÃO DO DIA DE MINAS HOJE?

HEBE: Quando passou a ser uma comemoração quase que militar, a gente tomou antipatia, todo mundo tomou.

GRUPO: COMO É QUE ERA ANTES?

HEBE: Era tudo aberto, o vereador transitava na rua. Francinei Pereira transitou aqui a rua, acenou pra todo mundo nas janelas, não tinha essa coisa não.

GRUPO: TINHA MUITA GENTE QUE IA TAMBÉM?

HEBE: É, o povo ia com trajes, todo mundo muito bem vestido, todo mundo muito bem trajado. E, também, as famílias iam pra comemorar lá. Mas isso aí, foram poucos anos, foram pouquinhos, porque depois já começou à avacalhar com os negócios de governo, blindaram a Câmara e a Prefeitura pra fazer festa... Mas os namoros eram muito engraçados, os pais não deixavam namorar, o namoro tinha que ser quando a moça fizesse dezoito anos, no meu tempo era assim. Mas com dezesseis, quinze, a gente já começava a namorar, aqueles namorinhos bobos. Aí, como que nós fazíamos? Aqui na rua a gente tinha umas dez mocinhas né, dez ou mais, aí nós íamos namorar, namorávamos na Rua de São Francisco, ali no beco de São Francisco, aí ficávamos com o namorado, a primeira que visse um pai ou mãe chegando dava sinal pra outra, era um assovio, todo mundo corria. Uma das meninas nossas amigas, a mãe dela era assim: era uma broa mesmo! Vinha pra Mariana um capitão da polícia, gordão também, que andava com um casaco igual ao da mãe da menina. Aí, um dia o capitão veio descendo... e nós estávamos namorando soldado do exército, porque era chique namorar soldado do exército, era chique, não era brega não, hoje é brega... mas aí nós tudo namorando né, feliz da vida, aí uma pessoa disse assim: a mãe da maninha já vem, assobiou e falou assim, a mãe da maninha já vem, nós todos corremos e o capitão correu atrás de nós. Correu atrás de nós, correu atrás dos soldados, apitando lá, só que tinha dois pracinhas só né, aí vieram os dois pracinhas, mas não aconteceu nada, que nós corremos, viemos pra casa todas elegantes. Então era assim, tinha medo. E, havia uma senhora aqui na rua, que nossas mães tratavam ela muito bem, mas não gostava que ela conversasse conosco porque ela era alcoviteira, então antigamente alcoviteira era aquela que trazia notícias dos namorados, e nossas mães não gostavam. Mas a gente ficou assim criança muito tempo, porque não tinha tanto apelo social, era até quinze anos brincando normal, com boneca, fazendo

cozinhadinho na rua, brincando de pique, brincando de roda, brincando de esconde-esconde, tudo, era normal. E, quando a gente fazia quinze anos, a gente começava a amadurecer um pouco, aí era que a gente mudava um pouco, até quinze anos a gente brincava na rua normal, descalça. E, nós tínhamos uma coisa aqui nessa rua, por exemplo, se uma colega não tivesse sapato, porque podia não ter né, se o sapato estragou e não compro outro; ou nós todas íamos sem sapato para rua, ou uma emprestava um pé pra outra e amarrava um dedo. Aí um dia, eu arrumei um namorado, e ele falou assim comigo: *“ou Hebe, porque você tá com esse dedo amarrado aí?”*, aí eu não podia explicar, aí falei *“Ah! Machuquei.”*

GRUPO: DONA HEBE, A SENHORA DISSE QUE O SEU PAI ESTUDOU NO ICHS, FILOSOFIA, E VOCÊ TAMBÉM TEVE UMA GRANDE TRAJETÓRIA NO ICHS, VOCÊ PODIA FALAR UM POUCO SOBRE COMO QUE É LÁ? TEM UM LABORATÓRIO LÁ COM SEU NOME TAMBÉM.

HEBE: Mas meu pai não estudou no ICHS, ele estudou no antigo seminário, mas era lá. Então, o seminário é de 1750 né, então era uma educação muito rígida. Mas era bonito demais a educação. Iam os meninos, pequeninhos, e andavam de batina preta, aquela túnica preta cá embaixo, eles jogavam futebol de túnica preta! Mas a educação gente, a instrução era de primeiríssima, tanto que esse seminário aqui, tanto que esse seminário aqui mandou um tanto de jovens... são grandes políticos, grandes políticos assim, políticos de destaque, mas não sei se são bons, não é? Os padres aqui tinham uma cultura, fora do comum. Eu por exemplo, eu tive uma sorte danada porque no colégio Providência eu tinha os professores padres, e eles sabiam muito, muito mesmo. Tanto que eu aprendi linguística quando estava no segundo grau, ninguém falava em linguística, eu aprendi no segundo grau! Quem no segundo grau ouvia falar em linguística? Ninguém naquela época. Eu estudei de 1942 a 1949 no Providência, então ninguém falava em linguística em 42, 43, 49... Então, era muito avançado o ensino, os padres ajudavam muito, eu tive vários professores do seminários, mas eram sábios mesmo. Eu trabalhei depois de adulta, de formada, depois de 1949, eu trabalhei com um padre que era um poço de

sabedoria, Dom Oscar fundou o Dom Frei Manuel da Cruz, e ele foi trabalhar lá com o diretor. E sabia tudo! Ele discutia qualquer assunto, e ele me avisou uma coisa, pra você vê, na década de 50, em 51 mais ou menos, ele falou assim: *“Dona Hebe”*... me chamava de dona, eu era bem novinha e ele me chamava de dona, eu ficava meio incomodada mas o que que eu ia fazer né? Eu adorava ele... Ele falou assim: *“Dona Hebe, olha aqui minha filha, os políticos estão pondo dinheiro na Suíça, tão roubando de nós”*. Agora você vê, como que a instrução desse padre, tão roubando de nós, tão pondo dinheiro na Suíça. Eu me lembro direitinho onde que ele falou comigo, ali perto da Câmara. Ele morava aqui perto do colégio Providência, e ele ficava lá no Dom Frei, aí eu ia subindo com ele, na porta da Câmara ele falou isso comigo. Agora você imagina bem, eu já era antenada pra essas coisas, sabia que tinha isso. Mas assim, outra coisa, o seminário, ele educava muito, mas ele tinha uma série de problemas: as restrições todas, por exemplo, os seminaristas não podiam conversar com moça. Minha irmã namorava um seminarista. No colégio, então, tinha uma linguagem própria de lençol pra conversar com os seminarista, porque o dormitório do colégio dá lá com o dormitório do seminário, então eles conversavam, tinha um código. E namorar seminarista era transgressão mais simpática que a gente tinha na nossa vida, na vida de jovem e de adolescente. A gente achava chique namorar seminarista, porque era uma transgressão né, então todo mundo gostava. E no colégio a gente aprendia a fazer roupa de homem, porque o colégio formava pra pessoa ser professora e pra pessoa ser mãe de família... não formava pra vida, não você vai ser qualquer coisa, vai ser engenheiro, não, nem pensava nisso... então tinha um doido, que era doido nas meninas do colégio, e um dia a irmã tava ensinando a fazer cueca, e ele passou lá: *“Vocês tem que casar sabendo fazer cueca!”*. E nós caladinha lá olhando o que o cara falava, e ela ensinando a fazer cueca. ‘TchéTcheca’ era um doido, ele passou lá e viu e falou assim: *“vocês toda metida, chega em casa não sabe fazer uma cueca, não sabe fazer um sabonete, não sabe fazer um dentifrício, não sabe fazer nada!”*. Tinha que fabricar! Ela queria que todo mundo fabricasse. Um dia, tava fazendo sermão da cruz, e ele tava lá na São Pedro; não, o bispo tava celebrando a missa... missa de sábado de aleluia, ah não sei como é que foi... foi a primeira vez que foi radiada a missa de Mariana, nós achamos chique demais, oh nós ficamos doidas pra chegar,

nem dormimos direito pra chega a hora do rádio, pra gente ouvir no rádio, né! Então, ninguém queria ir pra rua pra ouvir no rádio, faltou muita gente na procissão. Então nós tava lá, 'Tchéché' sobe lá no Morro do Cruzeiro e falou assim: *“as meninas do colégio é tudo umas boneca, mas quando saí a casa, não sabe nem fazer uma cueca”*. E era uma vergonha não saber fazer, era estranho mesmo. Então Mariana, era uma Mariana de uma economia, uma economia muito interessante, todo mundo sabia fazer de tudo!

PAUSA – conversa informal olhando fotos e objetos, enquanto o grupo aprecia uma deliciosa broa de fubá com goiabada com queijo preparada por uma filha de Dona Hebe



GRUPO: DONA HEBE O QUE ERA ESSE NEGÓCIO, ESSA CASINHA NO MEIO DA PRAÇA DA SÉ? ESSA FOTO É DE 1939:



HEBE: É eu tinha 8 anos

GRUPO: É QUE EU ACHEI ENGRAÇADO ESSA FOTO

HEBE: Não é essa coisa de força e luz não?

GRUPO: É PARECE TEM ESSES FIOS, MAS NO MEIO DA PRAÇA DA SÉ...

HEBE: Eu vou olhar isso com uma pessoa que, é aqui é a Casa do Conego Cota, é isso mesmo, eu lembro disso, mas eu não sei se era da força e luz

GRUPO: ESSA AQUI É DA DÉCADA DE 60 A PRAÇA DA SÉ:



HEBE: Tá vendo ela era toda aberta, ó, e não tinha estacionamento não, tinha os postes de luz, é assim que ela era.

GRUPO: AQUI É DA DÉCADA DE 80, QUE FIZERAM O ESTACIONAMENTO:



HEBE: É loucura de prefeito doido, ignorante. Essa de São Pedro (Referindo-se à imagem abaixo) é ótima né, porque, segundo consta, nunca que

essa torre dava certo ai quando essa torre deu certo chegou o... como é que ele se chama... Vasconcelos... aquele historiador de mariana, o Diogo de Vasconcelos, chegou na frente dele e falou “desce torre pra arte subir” (risos) Salomão Vasconcelos, falou “desce torre pra arte subir”. Isso aqui era no centenário.



GRUPO: ERA ESSE O HÁBITO QUE AS FREIRAS DO COLÉGIO USAVAM?



HEBE: É esse, o hábito. Então, isso chama corneta. E um dia, nós tínhamos uma mania de brincar com o tapete da escola, eu não tinha juízo mesmo, aí nós tamo brincando com o tapete da escola. Eu vou até te mostrar quem é a irmã que a gente foi, nossa coitada, não sabe... aí nós púnhamos o tapete, chamávamos uma colega, olha que ideia, quando ela vinha puxava o tapete, literalmente puxava o tapete. Ai, nós mandamos a colega lá pra fora. Todo dia tinha isso, mas era só quatro que sabia.

GRUPO: QUEM ERA?

HEBE: Uma irmã dessas daí, a irmã Bernadete, é uma altona, essa aqui ó (apontando para uma das freiras da foto acima). Coitada... essa ai foi nossa vítima. Entra ela toda elegante, que ela andava, ela parecia, era elegante não, ela parecia uma girafa de tão grande. Aí ela entrou. Quando ela pisou, a menina puxou... gente, a irmã foi lá no chão. Elas tinham uma porção de roupa debaixo daquele habito azul, tinha uma roupa xadrez, uma roupa branca, ficou aquele... gente, nós ficamos apertada com 15 dias de castigo lá no colégio, nossos pais foram chamados, quase que nós fomos mandadas embora.

GRUPO: COMO QUE ERAM OS CASTIGOS NAQUELA ÉPOCA?

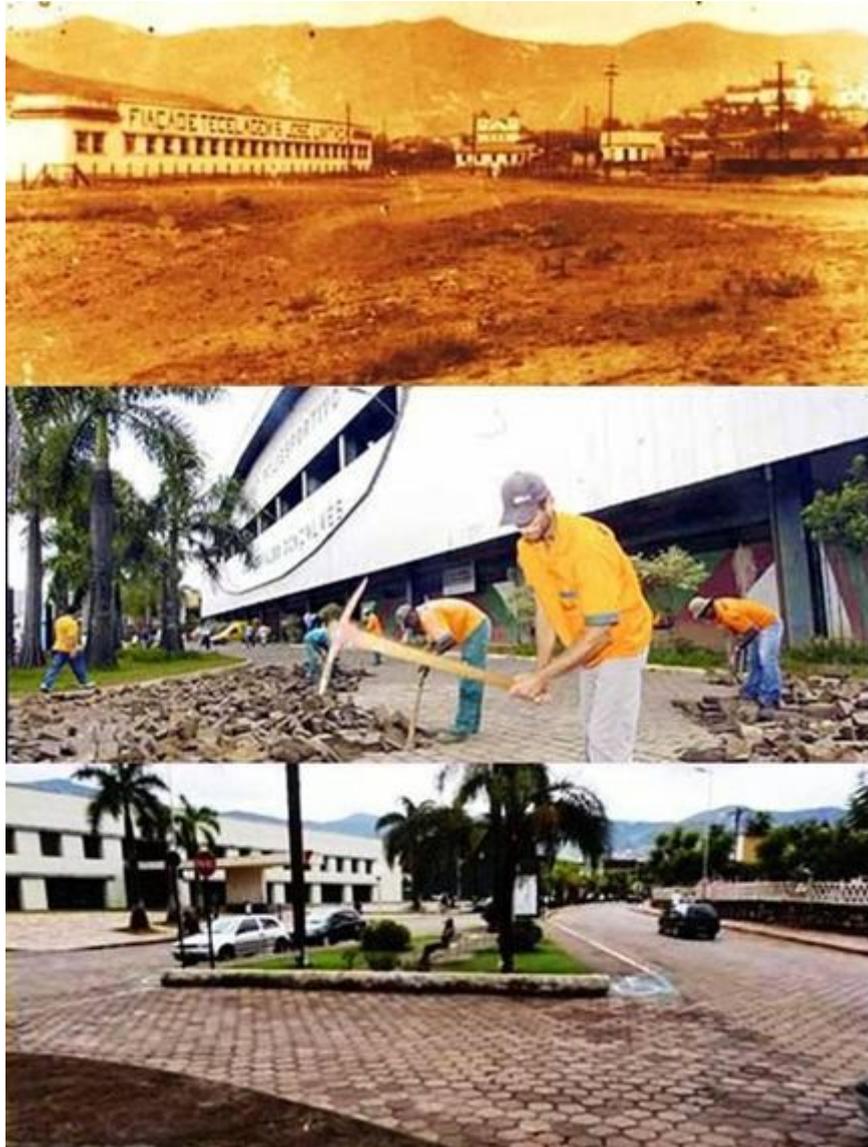
HEBE: Eram muito sérios, você ficava, e outra coisa, as vezes você não fez, né. Uma vez uma pessoa desenho uma coisa lá e era parenta de uma freira, ai eles acharam que era eu e eu fui, e eu não... não desenharia o que ela desenho de jeito nenhum, não tinha esse hábito, não era santidade nem virtude, ai eu fiquei de castigo muito tempo até que, a gente não podia defender, até que meu pai foi lá e falo “eu quero ver o papel e manda pro grafologista olhar” aí a irmã, a irmã chegou e

falo assim “você sabe quem é, Hebe?” “sei sim, a sobrinha da senhora” pronto. E eu fiquei de castigo muitos dias

GRUPO: ERAM AS PALMATÓRIAS?

HEBE: Não, eu não alcancei palmatória. Eu era séria, eu estudiosa, era muito estudiosa. Uma coisa ou outra que fazia bagunça. Muito difícil. Eu gostava de rir. Eu ria à toa.

GRUPO: AQUI A SENHORA COMENTOU DA FÁBRICA DE TECIDO QUE HAVIA EM MARIANA. AQUI É UMA FOTO DE 1938 E LÁ NO MESMO LUGAR DEPOIS VIROU O POLIESPORTIVO?



HEBE: Lá virou...

GRUPO: E DEPOIS O CENTRO DE CONVENÇÕES

HEBE: É o centro de Convenções e outra coisa, desmancharam a fábrica que era uma construção sólida, não sei pra que. Ah, isso aí era uma fonte, bonita, uma fonte luminosa que tinha ali na praça da estação (Referindo-se à imagem abaixo).



GRUPO: É ONDE FICAVA A PREFEITURA, ONDE HOJE FICA A PREFEITURA, NÉ?

HEBE: Hoje é a prefeitura, isso mesmo.

GRUPO: ESSE DAQUI É PALÁCIO DOS BISPOS NÉ? ELE, REALMENTE, QUASE CHEGOU A CAIR POR CAUSA DO DESCUIDO?



HEBE: Olha, ele não chegou a cair não. Mas nem que ele tivesse quase caindo, quando ele foi erguido, quem ergueu foi a Petrobras. Quem tá devendo esse bispo e esses padres aí é o governo. A Petrobras é o que?

GRUPO: É DO GOVERNO.

HEBE: Tá vendo!

GRUPO: DIZEM QUE TINHA UM JARDIM MARAVILHOSO...

HEBE: Mas esse jardim, pois é, esse jardim tem um projeto, tem um menino que chama Moacir Maia, esse menino tem um projeto lindo pra esse jardim, ele chama Moacir Maia, ele estudou no ICHS. Ele até mandou pra mim, eu tava estudando Ribeirão do Carmo, ele mandou umas coisas pra mim. Então, se você precisar de alguma coisa, ele tem todo esse projeto desse jardim.

GRUPO: O PROFESSOR ÁLVARO ANTUNES, TAMBÉM DO ICHS... É PORQUE TEVE UMAS ESCAVAÇÕES LÁ NA FRENTE QUE ENCONTRARAM REALMENTE OS RESQUÍCIOS DO JARDIM. E ELE DISSE QUE ERA MUITO BONITO, O PROJETO QUE EXISTIA ERA LINDO.

HEBE: Outra coisa, eu lembro das flores que tinha ali, mesmo depois que o jardim acabou, porque eu não conheci o jardim, mas eu lembro das flores que tinha lá. Tem um lírio amarelo que tem no ICHS, que é daí, e ele é nativo por ali tudo. Eu tinha muita vontade de trabalhar lá.

GRUPO: AGORA, EU FIQUEI EM DÚVIDA NISSO AQUI. NESSAS DUAS FOTOS: ESSE AQUI DIZ QUE FICAVA NA PRAÇA DA SÉ TAMBÉM, SÓ QUE ME LEMBRA O PELOURINHO DA MINAS GERAIS.



HEBE: Pois é, mas ele ficava na praça da Sé também, já ficou na Praça da Sé.

GRUPO: MAS É O MESMO?

HEBE: É.

GRUPO: MAS POR QUE QUE TINHA O PELOURINHO LÁ?

HEBE: Eu tenho a impressão, de que eles punham na frente de uma igreja. Porque nos duzentos anos de Mariana é que aquele Pelourinho chegou alí. Acho que ele quebrou todo, não lembro direito como é que é isso não.

GRUPO: AÍ DEPOIS QUE SUBSTITUIU PELO FAMOSO PIRULITÃO!

HEBE: É, e que um menino do ICSA pendurou nele e quebrou.

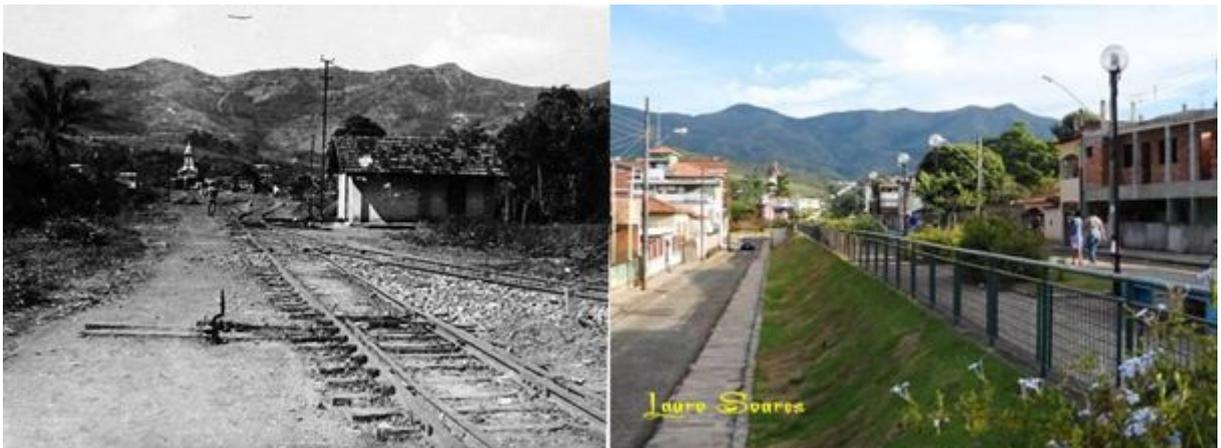
GRUPO: AÍ É A ÉPOCA QUE ERA UM ESTACIONAMENTO... PERA AI, VOLTA UM POUQUINHO, AQUI SEMPRE FOI A CASA DO SEU ALFONSUS, DONA HEBE? AQUI NA RUA DIREITA?

HEBE: Não. Foi. Ele morou de aluguel, ele era pobre, o Alfonso era pobre, ele morava de aluguel. E os Queiroz, que é família rica, deixava o Alfonso morar lá grátis. Mas essa aqui não é a casa dele não, a casa dele é bem pra frente.

GRUPO: A CASA QUE EU DISSE É A CASA DE CULTURA QUE TEM LÁ NÉ? SUA FILHA TRABALHA LÁ, NÃO TRABALHA?

HEBE: É a casa Alfonso de Guimarães, lá que é o museu e a casa. Agora vão vir as peças do museu, graças a Deus!

GRUPO: AQUI, É AQUELE PROLONGAMENTO DA LINHA FÉRREA QUE DÁ NA PRAÇA DOS FERROVIÁRIOS?



HEBE: É, era tudo bonitinho, arrumadinho.

GRUPO: ISSO AQUI, É ONDE É HOJE O TERMINAL TURÍSTICO? O QUE QUE ERA ANTES?



HEBE: Era uma praça. Muito bonitinho. É, essas casas, tinha umas casinhas todas desse tipo assim, num estilinho assim. Não tinham esses casarões grandões não, depois que foram feitos aí.

GRUPO: ESSA AQUI É A RUA DIREITA? OLHA OS CARROS QUE VOCÊ COMENTOU...

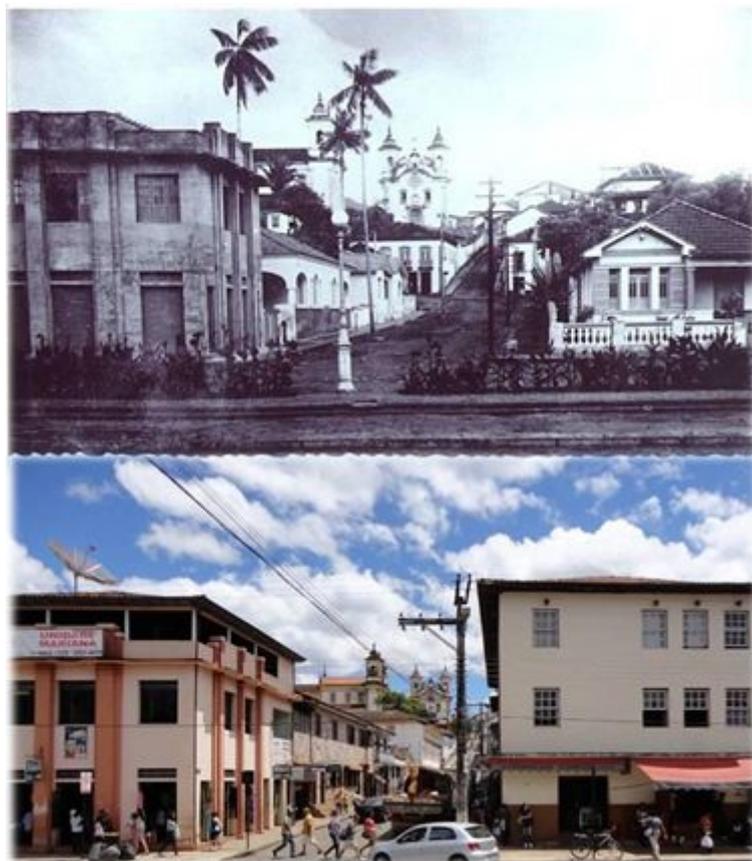


HEBE: É. Pois é, esses carros que eu conheci, que tinham aqui em Mariana, que era legal que eram só dois. (risos) Um azul e um preto.

GRUPO: TODOS OS CARROS DE MARIANA EM UMA FOTO. ESSA AQUI ERA A RUA DO SEMINÁRIO? A VISTA DE FRENTE ASSIM DO ICHS. E AQUI, SEMPRE FOI O CAMPO DO GUARANI MESMO? (REFERINDO-SE À IMAGEM ABAIXO)



HEBE: Não, isso era um prolongamento ali da rua, era uma área sem nada, depois o Guarani fez, eu não lembro de nada, do Guarani eu não lembro não, pode até ter tido mas eu não lembro. Porque eu não ia muito pra esses lados não.



HEBE: Aqui ó (referindo-se à imagem acima), assim que era a praça, essa casa aqui eu conheço até a família que era dessa casa, é uma família que tinha padaria na rua Direita, que chamava Verona, família Verona. Então, Zé Eufrásio morava aí, tem até uma filha dele que mora aqui ainda. As casinhas todas eram assim, aí fizeram esse monstrengo aí. Essas casas elas lembram o período da vinda da ferrovia pra Mariana, então elas precisavam ser conservadas e não são.

GRUPO: E A RUA SEMPRE ERA DE PÉ DE MOLEQUE NÉ, DEPOIS QUE COLOCARAM PARALELEPÍPEDO.

HEBE: É... Eu to doida pra saber que homem é esse (apontando para o homem de terno na imagem abaixo), toda hora que você passa eu quero olha pra ver, porque eu acho que eu devo conhecer... To achando que eu conheço esse homem... Não sei se é seu Valdemar... É seu Valdemar mesmo, tenho certeza! Valdemar Catita o apelido dele, esse era seu Valdemar, ele morava, ele era engraçado demais, andava só chique, você ta vendo, ele tá de colete, só chique que ele andava, ele morava na chácara, eu lembro dele demais... Gente, eu tenho quase certeza de que é ele, um dia eu vou olhar direitinho com o óculos.



GRUPO: E O QUE QUE ERA A ACADEMIA DE LETRAS DE MARIANA?

HEBE: Primeiro ela foi a casa da Intendência, depois ela foi, era considerada a casa da moeda também, a gente não sabe porque, e depois ela foi casa familiar mesmo. A academia de letras... Na realidade, o governo queria dar a casa, mas gente do governo na época não mandava nada não, aí seu Valdemar recebeu, mas ninguém sabe direito se tinha documento ou se não tinha. Eu sei que ela tá lá a mais de 50 anos, 56 anos mais ou menos, 54 anos, que a academia tá lá.

GRUPO: A SENHORA PARTICIPOU DA ACADEMIA?

HEBE: Sempre, sempre participei, mas como presidente e vice-presidente e tal foi recente, mas eu sempre participei.

GRUPO: MUDOU MUITO A ACADEMIA DE QUE TINHA ANTES COM A ACADEMIA DE HOJE?

HEBE: Hoje o pessoal é mais arredoio, antigamente era mais assim coeso, então parecia que o tempo era maior pra trabalhar e tinha mais resultado, mais produção, mais saraus, a academia tinha muito sarau, agora to querendo retomar, de vez em quando eu faço...

GRUPO: TEM ALGUMA COISA QUE A SENHORA QUERIA QUE VOLTASSE?

HEBE: Ah minha filha, eu sou saudosista, você não vai aguentar ouvir. Eu sou saudosista! Por exemplo, primeira coisa que eu tinha vontade que voltasse: os hábitos educacionais. Por que que um menino não é educado pra um idoso passar no cantinho e ele passa na beirada? Por que que as pessoas não respeitam? Então, eu queria que voltasse esse ambiente de respeito e união. Mariana, era assim, tinha os partidos políticos, mas era uma cidade unida, todo mundo, por exemplo, falava vamos fazer essa festa ser assim, aí todo mundo ajudava, todo mundo colaborava, hoje é muito difícil. As pessoas hoje, eu queria que mudasse, por exemplo, que voltasse, as conversas nas portas das casas, uma coisa simples, hoje não tem. Você vai numa festa hoje, as pessoas não conversam. Eu fui a uma festa que eu me sentei com um pintor famoso aqui de Mariana que chama Camaleão e a família dele. Eles se entregaram ao celular, aí eu levantei e fui pra outra mesa! (risos) Então eu queria que voltassem esses hábitos. O hábito assim de educação né, a pessoas ser fina com a outra, respeitar a outra. Hoje, hoje as pessoas... e outra coisa, que voltasse aquela ideia de que o homem, ele não é etiqueta, porque hoje o homem e a mulher são etiquetas, qualquer um, criança é tudo etiqueta, porque ele não é aquilo, ele é o conteúdo daquela roupa que tá de etiqueta mas ele não é a etiqueta. Hoje as pessoas acham que são etiquetas. Meu vestido não sei de onde que é, meu tênis não sei que lá a marca, então o homem é mais a marca hoje, eu queria que o homem vivesse mais o interior dele, que o rosto dele, o que ele vestisse, não fosse uma máscara pra esconder o homem, porque hoje é uma máscara pra esconder o homem. Você pode olhar numa festa, todo mundo com o mesmo tipo de roupa, antigamente não, as famílias criavam aquelas roupas, por isso que as pessoas ficaram igual boi, burro puxado pelo cabresto, político pode puxar, porque todo

mundo imita o outro. Aí você fala assim: ah eu não vou pagar mico não. Que paga mico!? Antes pagasse mico mesmo, pelo menos eles tavam bem de vida e não tava morrendo ai pra mostra pra nós que tem febre amarela né. Eu fico pensando. Eu acho assim, eu acho não, eu tenho certeza, considero que tenho certeza, que nós não podemos ficar com essa situação de hoje. Gente, você vai à rua, você tem medo de ir a rua, eu tenho vontade que voltasse aquele tempo... falava: serra a porta aí, a porta não fechava, ela cerrava, cerrar é fechar e deixar uma fresta, então não usava chave nas portas... Eu tenho vontade que volte isso, essa confiança. Porque falam assim: ah a corrupção tá no governo. A corrupção hoje ela é endêmica, ela se instalou em todos, qualquer classe social. Ontem eu fiquei acordada até mais tarde e fiquei pensando nisso, gente é endêmico, porque, se esse aqui roubou é porque esse cá debaixo carregou a mala pra ele, se não carregasse a mala pra ele, ele não ia roubar. Então, eu fico pensando, agora não sei o que que deu esse julgamento de Lula hoje né...

GRUPO: É, VAMOS VER DEPOIS NÉ... DONA HEBE, TO REPARANDO AQUI, VÁRIOS OBJETOS QUE REMONTAM A UMA MARIANA DE ANTIGAMENTE. A SENHORA É DA ÉPOCA? É CONTEMPORÂNEA A ESSES OBJETOS? VOCÊ USOU ESSE FERRO?



HEBE: Sou!

GRUPO: AQUELE ALI ERA UM NEGÓCIO DE FAZER SAPATO (APONTANDO PARA O ESTRIBO)?

HEBE: Não, aquilo era de subir no cavalo. Mulher era um só, esse aqui né, os fazendeiros todos compraram esse aqui, porque as marcas eram em rubrica. E aqui era da minha mãe olha. Da minha mãe não, é das mulheres né. Tinha pra homem e pra mulher, aqui me roubaram três que eu tinha, bonitos demais, ficou só esse feio. E esse ferro, esse ferro é de passar roupa mesmo, eu passei muita roupa, hoje tem elétrico né. E aqui é a máquina de costurar também, costurava a mão.

GRUPO: VOCÊ COSTURAVA DONA HEBE?

HEBE: Não, minha irmã que era craque, mas quando eu alcancei a minha irmã costurando ela não costurava nessa maquininha mais não.

GRUPO: A GENTE PODE TIRAR FOTO DELES?

HEBE: Pode... a vontade.

FIM DA ENTREVISTA



ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordo com a utilização parcial ou total da entrevista realizada em 24 de janeiro de 2018 para o trabalho de conclusão da disciplina de Educação Patrimonial ministrada pela Profª Drª Fernanda Ap. Oliveira Rodrigues Silva - **"Mariana em que vivi"** no trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser desenvolvido por Guilherme Soares sob orientação da Profª Drª Rosana Areal de Carvalho, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail rosanareal@ufop.edu.br.

Afirmo, ainda, que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso desta e posteriores pesquisas. Fui informada dos objetivos acadêmicos desta pesquisa, que, em linhas gerais, é reconhecer as mudanças pelas quais a cidade de Mariana passou, tendo em vista as memórias da entrevistada frente ao passado-presente no centro histórico da cidade.

Minha colaboração se fará de forma pública, por meio de entrevista gravada e transcrita a partir da assinatura desta autorização.

Fui ainda informada que posso me retirar deste e de posteriores estudos/pesquisas a qualquer momento, sem prejuízos para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Nome completo: Isabele Apárcia Dóla Santos

CPF: RG MG 926986

Mariana, MG, 10 de setembro de 2019

Assinatura do pesquisador: Guilherme Soares

Assinatura da Orientadora: [Assinatura]